

248

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS IV
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM METODOLOGIA DO ENSINO DE LÍNGUA
PORTUGUESA

VÍDEO
UM “PASSAPORTE”
PARA O CONHECIMENTO

Raimunda Diniz

Jacobina-BA - 2004

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS IV
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM METODOLOGIA DO ENSINO DE LÍNGUA
PORTUGUESA

VÍDEO
UM “PASSAPORTE”
PARA O CONHECIMENTO

Raimunda Diniz

ORIENTADOR – PROFESSOR ANTENOR RITA GOMES

Monografia apresentada à Universidade do Estado da Bahia Campus IV, para obtenção do título de Especialização em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa.

Jacobina-BA – 2004

Eu e o Vídeo

Eu – uma imagem pálida
Pela natureza criada
Vídeo – uma imagem cálida
Pela tecnologia formada.
Duas impressões estáticas
Estáticas ?
Duas impressões vibrantes
Que se encaram
Por horas a fio
Ou num simples instante.
Eu implodo mentalmente
De indagações ou suposições
Ele explode eletronicamente
De informações ou aberrações.
Eu incito o lado de lá
Ele excita o lado de cá
Numa fremente interação.
O vídeo é o meu olho
No meu mundo quase sem visão
Eu sou o seu porta-voz
No mundo – sala de aula.
De super – confusão.
Às vezes chego a misturar
Seu ponto de vista
E minha opinião
Mas como é intrigante
Nosso “com tato” imparcial
E até interessante
Nosso falar hipe-real.
Nós dois gritamos juntos
Na procura de um marco
Que valha por um sinal
Um bom sinal.

Raimunda Diniz

RESUMO

Desde que nasce o indivíduo é rodeado por imagens. Os primeiros que assinalaram uma imagem foram os habitantes das cavernas, na Idade da Pedra Lascada. Na Idade do Bronze as imagens caracterizaram-se como formas rudimentares da escrita. A modernidade é a época das imagens, por excelência. As imagens possuem um certo domínio sobre as pessoas que as cria, as registra e as interpreta. Uma das maneiras encontradas pelo homem para se produzir, distribuir e exibir imagens é o vídeo que emprega em sua tecnologia mecanismos da fotografia, cinema, rádio e televisão. O vídeo é um instrumento possível de se adentrar no campo pedagógico porque a clientela estudantil já convive com ele, no seu dia-a-dia. O vídeo é um texto e como tal pode ser lido proficientemente, devido a sua multipluralidade interpretativa. Mas essa leitura ocorre, na interação entre imagem e videoespectador. O olhar é extremamente importante na realização desse evento. Sem esse olhar atento torna-se difícil a apreensão dos inúmeros sentidos existentes numa imagem. Ao se pesquisar essa gama de sentidos é bom que os envolvidos nisso façam parte do mesmo espaço e do mesmo sentimento para que o resultado seja positivo. Um docente que se arrisca a mudar sua metodologia, torna um vídeo uma excelente fonte de informações para as disciplinas de estudo como Matemática, Geografia, História, Ciências, Literatura, Língua Portuguesa. Detendo-se no ensino de Língua Portuguesa, um vídeo oferece opções de atividades para desenvolver as habilidades de ouvir, ver, falar, ler e escrever. Dependendo do grau de interesse e da vontade, o discente, a partir de um vídeo bem selecionado, realizar satisfatórias produções.

INTRODUÇÃO

Eu e o vídeo –
um relacionamento antigo
profundo e sério
e quem sabe eterno

Ainda criança, quando acompanhava meu pai ao cinema da minha cidade natal, apaixonei-me pela imagem cinematográfica. Era emocionante seguir o enredo do filme, à proporção que as cenas se apresentavam. Aquela paixão se transformou em amor, ao freqüentar o colegial e o curso normal e me enebriar assistindo às películas exibidas e explicadas por minhas professoras. Aquele amor evoluiu para adoração depois de ingressar no magistério e adotar a telepedagogia como aliada inseparável no meu trabalho educativo.

Porém, não muito longe de mim, há quem diga que é cansativo estudar vídeo na sala de aula por ele ser um material didático dispersivo e alienante. E há quem argumente também que o tempo que se perde com esse recurso poderia ser utilizado em algo mais produtivo.

A banalização do uso do vídeo no campo pedagógico é, portanto, um problema para educadores e educadoras que se esforçam em valorizar a imagem televisiva em seu cotidiano.

Se houver uma breve reflexão sobre esse assunto, ver-se-á que o vídeo pode, sim, ser um alicerce na construção do conhecimento docente e discente já que nos leva a exercitar nossa capacidade de análise reflexiva.

Então, por a telepedagogia fazer parte, a tanto tempo de minha vida profissional, quis pesquisar sobre esse tema para evidenciar quão satisfatória e proveitosa é a introdução ativa do vídeo e sua devida manipulação nos trabalhos escolares. A clientela estudantil já convive, no seu dia-a-dia com a televisão. Por que não direcionar o pensamento e a observação atenta no uso desse instrumento? Esse simples utensílio pode ser metamorfoseado numa rica fonte de consulta, conseqüentemente num meio de aquisição do saber.

Encabeçando minha pesquisa, perguntei que resultados geram a utilização do vídeo no ensino de Língua Portuguesa, quando usado de forma adequada, proficiente, isto é, quando empregado como ponto de partida para a elaboração de um raciocínio, como motivo para questionamento ou como base para criação de um conceito.

Sei que os educadores e educadoras desse novo milênio somos responsáveis pela formação de crianças e jovens nascidos na era tecnológica. Mas como a tecnologia contribuiu para a evolução da sociedade mundial, pode também ajudar na melhoria do ensino, bastando aos professores e professoras compreender o potencial interativo desse aparato a partir dos seus elementos de ação, intervenção e modificação de conteúdos pelos sujeitos participantes do evento.

Com outras palavras, o trabalho com vídeo e televisão auxilia os profissionais escolares a acompanhar o ritmo acelerado do progresso planetário, além de oferecer uma variada gama de informações. Informações que hipnotizam o espectador, devido à magia e magnetismo de sua produção e de seu movimento. Cabe aos professores a seleção criteriosa do que convém à aprendizagem e ao crescimento de seu grupo.

Não se pode negar que o estudo baseado em vídeos requer mais tempo, mais concentração e mais exame por parte dos envolvidos, graças à complexidade e multiplicidade interpretativa das impressões imagéticas.

Pensando nisso, nesta pesquisa, tive como objetivo analisar os resultados da utilização do vídeo no ensino de Língua Portuguesa a partir da observação de minhas atividades escolares, com o propósito de vislumbrar formas proficientes no manuseio desse precioso material.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

CAPÍTULO I

Alicerce Teórico

- 1.1. Imagem e Vídeo
Uma dupla inseparável.....pág. 01
- 1.2. Vídeo
A síntese do grupo imagético.....pág.07
- 1.3. Vídeo e Escola
Um casamento perfeito.....pág.11
- 1.4. Leitura e Vídeo
A decodificação de um símbolo.....pág.15
- 1.5. Vídeo e Interpretação
O desenrolar de um fio.....pág.21

CAPÍTULO II

Caminho Metodológico.....pág.27

CAPÍTULO III

Vídeo – um novo olhar na construção do conhecimento.....pág.32

CONCLUSÃO.....pág.44

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....pág.47

ANEXOS

- Perguntas que auxiliaram na leitura videográfica.....pág.50
- Produções videográficas dos alunos.....pág.59
- A voz dos alunos.....pág.60

CAPÍTULO I

ALICERCE TEÓRICO

O vídeo não é um mistério
é simplesmente “um fio”
que pode ser desenrolado

1.1 Imagem e vídeo – Uma dupla inseparável

Assim que se desabrocha a placenta dos olhos para a vida, a visão humana se depara com um aglomerado de imagens: o mundo. Depois do primeiro contato da visão com a realidade do mundo externo ao sujeito, o cérebro passa a se envolver com imagens, até que a morte o venha resgatar.

Mas o homem não se contenta somente em vislumbrar essas imagens. Quer registrá-las para eternizá-las e por meios delas poder se comunicar.

Quem primeiro assinalou o que via foi o habitante das cavernas, na Idade da Pedra Lascada, no Período Paleolítico, cerca de 34 a 40 mil anos antes de Cristo. As paredes das grutas daquela época eram o material usado para impressão dos desenhos. E como relata Joly (1996): “As primeiras inscrições consideradas imagens porque imitam, esquematizando visualmente as pessoas e os objetos do mundo real representavam animais”. A principal característica desses desenhos é o naturalismo, ou seja, o homem tentava reproduzir a natureza da forma como sua visão captava.

O interessante é que se uma imagem, é assinalada por alguém, uma outra pessoa, muito tempo depois, analisa essa imagem. É o que fazemos hoje: interpretamos que os rabiscos pré-históricos representam as caçadas dos nossos ancestrais. Pelos caracteres dos traços, os estudiosos deduzem que os pintores-caçadores supunham ter poder sobre o animal desde que, possuíssem sua imagem.

Pode-se, então, pensar que a imagem criava um certo encanto entre si e o seu artista. Aquele autor parecia querer dominar a natureza, por meio de seus desenhos.

Machado (1997), baseando-se em estudos científicos da cultura do período magdalense, supõe ser naquela época a origem do “cinema”. Afirma isso, baseando-se na análise dos desenhos nas paredes das cavernas de Altamira, Lascaux ou Font-de-Gaume. As seqüências das figuras dão a sensação de movimento.

Segundo Wachtel, “os artistas do Paleolítico Superior tinham os instrumentos do pintor, mas os olhos e a mente do cineasta. Nas entranhas da terra, eles construíam

imagens que pareciam se mover. (...) Eles faziam cinema inderground” (Machado, 1997, p.14).

Penso que as interpretações sobre as imagens pré-históricas não se estabilizam. Sempre haverá novas análises e novas conclusões. A pedagoga baiana Valnice Sousa Paiva (2003), por exemplo, divide a arte imagética pré-histórica em três estágios:

- O do sincretismo (valorização do componente mágico);
- O analítico (período naturalista);
- O sintético (abstração e conceitualização dos objetos representados).

Já na Idade do Bronze, mais ou menos 10 mil anos antes de Cristo, as imagens mudam suas características: são símbolos aparentando formas rudimentares de escrita. São desenhos com um certo nível lógico. Naquele tempo já existia uma vida comunitária, com criação de animais e lavouras bem como conhecimento sobre as leis que interferem na sobrevivência do grupo.

Para Gullard (s.a), “o pensamento que se mostra no desenvolvimento das imagens está ligado ao desenvolvimento ideológico e econômico da sociedade”. Ele fala assim porque os artistas daquele período produziam também cerâmicas e esculturas de metal que aparentam um determinado interesse em explorar a beleza e não apenas a função utilitária do objeto.

De acordo com a necessidade, o homem, por ser o único animal pensante, inventa mecanismos que favorecem a imortalidade de suas imagens. Assim, depois do ponto de partida — as paredes das cavernas de Altamira — outros materiais serviram e servem de base para suas impressões imagéticas, como a madeira, o pergaminho, o papel, a fita de vídeo, o disquete do computador.

Nem é exagero dizer que o ser humano é uma ilha cercada de imagens por todos os lados. Além das que ele possui dentro da “cabeça”.

Ainda hoje as imagens exercem soberania sobre as pessoas, em todos os aspectos da vida.

Para Jesús Martin Barbero (1999):

“Falar de imagem na América Latina significa falar de uma longa e singular batalha cultural. Serge Gruzinski pergunta como poderíamos compreender o descobrimento e a conquista, a colonização e a independência do novo mundo sem mencionar a guerra de imagens que todos esses processos mobilizaram? Como poderíamos compreender as estratégias do dominador ou as táticas de resistência dos povos indígenas (...) sem refazer a história que nos livra da imagem didática franciscana do século XVI ao maneirismo heróico das independências ou do caráter didático do moralismo à imaginação eletrônica da telenovela?” (p.31).

A história de um país, de um povo, de um lugar é feita à base da significação de imagens. Por exemplo, os católicos latinos, brasileiros e jacobinenses veneram, respectivamente, as imagens de Guadalupe, Aparecida e Antônio. É uma veneração quase cega, a ponto de alguém ser castigado se ofender a uma dessas imagens. Foi o que aconteceu com um pastor da Igreja Universal do Reino de Deus. Submeteu-se a um processo por quebrar e pisotear uma imagem de Aparecida. Alguns indivíduos conservam consigo imagens de políticos, autoridades eclesiásticas, artistas, jogadores de futebol, monumentos, familiares e nutrem por elas verdadeira adoração.

Parece haver uma ordem social visual pré-estabelecida pela sociedade, em torno da imagem, que nem a desordem da pós-modernidade consegue romper. Os profissionais da imagem, sabedores disso, como os da Rede Globo, por exemplo, cujos êxitos são alcançados graças ao cruzamento de arcaísmos e modernidades, usam costumes tradicionais populares sendo desviados, mas não abandonados.

Conforme Barbero(1999):

“O racionalismo latino-americano tem receado intensamente as imagens, considerando-as instrumentos persuasivamente doutrinares e manipuladores dos pobres camponeses ignorantes. Do mesmo modo a “cidade letrada” soube controlar a imagem, confinando-a ao campo da arte ou ao território do simulacro das aparências ou dos resíduos mágicos”.(p.33).

Penso que não é bem assim. Claro que a imagem exerce um enorme fascínio sobre as pessoas, mas não são todas “as mentes letradas” que conseguem se desvincular da manipulação da imagem e nem “todos os pobres camponeses” que se cabrestam pelo seu domínio. Muitos cidadãos, letrados ou iletrados, camponeses ou citadinos possuem um dispositivo interno — o senso crítico, a capacidade de

discernimento — que os faz conviver com as imagens, tirar proveito delas, aprender com elas, mantendo, no entanto, intacta, sua identidade.

Há de se convir, entretanto, que muita gente, também iletrada ou não, deixa-se, mesmo, manipular pela sagacidade política e mercantil de algumas classes da sociedade. As propagandas bem produzidas, e dos “out door”, deixam de ser obras de arte para ser um mero convite ao consumismo capitalista.

Ainda há um dito popular para o qual tenho reservas:

“Uma imagem vale mais do que mil palavras”, isso porque nenhum signo vale mais que o outro. Cada um tem sua própria importância. Uma imagem vale por si. Uma palavra vale por si. Talvez esse dito até esteja se referindo à natureza condensada da linguagem imagética. Por isso eu o reformaria assim: “Uma imagem necessita de muitas palavras para ser compreendida”. A palavra não suplanta a imagem, simplesmente a explica. E quando uso *PALAVRA* refiro-me ao elemento escrito, não ao som (articulado ou ouvido). Também não me refiro aos portadores de deficiências visual ou auditiva — que não vêem imagens nem ouvem sons — mas criam-nos mentalmente ou através de outras linguagens. Por outro lado, sei que pode existir uma imagem que dispense a palavra para ser explicada ou uma palavra que ao ser lida não evoca uma imagem. É por isso que afirmo que uma imagem e uma palavra têm, individualmente, o seu valor.

Também é bom lembrar que para Nietzsche (s.d), “a modernidade é tempo de um mundo convertido em fábulas”. Para Benjamin (s.d), “as tecnologias de produção e de reprodução de imagens são estratégias na configuração da cidade moderna”; Para Heidegger (s.d.), “a tecnologia se associa a um mundo que se constitui por imagens mais do que por sistemas de valores e a modernidade”, a época das imagens do mundo”. E para Vattimo (s.d), “aquilo que na tardo – modernidade chamamos de mundo é muito menos aquela ‘realidade’ do pensamento empirista — diante da consciência do ‘sujeito autoconcentrado’ do racionalismo — que o tecido de discursos e imagens que as ciências e os meios de comunicação produzem de forma entrecruzada”.

Estas afirmações nos mostram que se abrem caminhos para outra postura perante a imagem. É visto que há uma íntima relação entre sociedade/ tecnologia/ imagem. A tecnologia, hoje, é movida pelo crescimento da informação e comunicação e não pelo emprego das máquinas sobre a natureza. Essas informações e comunicação ocorrem com as imagens. A sociedade redefine, então, o significado da imagem que deixa de ser uma simples ilustração da verdade para ser motivo de conhecimento específico. Nesse aspecto, a imagem pode e deve ser introduzida no campo da educação e do saber por ser tomada como possibilidade de experimentação/ simulação e pela potencialidade de variadas arquiteturas de linguagens. Virílio até chama de “logística visual” a renovação que as imagens informativas fazem dos limites e funções tradicionalmente atribuídos a discursividade e à visibilidade.

Aliás, M. Foucault, em 1996, em seu livro “As palavras e as coisas”, analisa a crise da representação por que passa a reivindicação cognitiva da imagem, a partir do quadro de Velásquez — “As meninas”. No início da obra ele chama nossa atenção para três pontos:

- O que vemos numa imagem pode ser o inverso do que o autor retrata. (vemo-nos no inverso);
- Nem sempre falamos sobre o que vemos, pois a relação entre linguagem e imagem é infinita. E como diz Vattimo (1990), “o que se vê não se aloja jamais no que se diz”;
- A essência da imagem é invisível.

É verdade. Nem sempre acertamos com o imaginado pelo autor, devido à multiplicidade interpretativa existente no mundo imagético. Nem sempre encontramos vocábulos para expor nossa opinião acerca do que enxergamos. Por isso, haja papel e tempo quando encaramos uma imagem. Nem sempre o que o espelho mostra condiz com o real. Por isso a grande necessidade do deciframento das idéias escondidas por trás do que é visto.

Tudo que se refere à imagem é plural, exceto a certeza de que nela há um só patamar onde se harmonizam, sem classificação de valor, as palavras, as coisas, o ato, o texto, o comentário.

Ainda Barbero (1999) nos ensina que estamos diante da emergência de outra figura da razão que exige pensarmos a imagem a partir de dois novos elementos:

- A partir de sua nova configuração sociotécnica por sua matéria prima ser abstrações e símbolos, inaugura-se uma nova relação entre cérebro e informação;
- A partir da emergência de um novo paradigma do pensamento que refaz as relações entre a ordem discursiva (a lógica) e a visível (a forma), entre a inteligibilidade e a sensibilidade.

Toda imagem é produção, toda imagem é um dado de cultura, contribuindo para a significação ligada à ideologia da época, mesmo quando a contesta. Antes e atrás de cada imagem há pelo menos um homem, um olhar e a mão que cria. Esse homem, que vive entre homens, no tempo — lugar entre natureza e máquinas, com lembranças familiares, desejos, crenças e inquietações, não pode despir-se totalmente desses vínculos. Dessa forma, por trás das grandes cadeias de produção — jornal, publicidade, propaganda, computação, revista, cinema, televisão e satélites — estão sempre os interesses pessoais, políticos e econômicos.

1.2 VÍDEO - a síntese do grupo imagético

A palavra vídeo, originária do latim *VÍDEO*, cujo verbo *VIDERE* significa ver, assume conotações relacionadas com o “ver” e media-se por equipamentos eletrônicos. É utilizada para representar a atividade, o processo de produção, o programa ou o produto deste processo, e ainda o suporte de veiculação da mensagem, podendo também estar ligada aos equipamentos técnicos relacionados à tecnologia de gravação de imagem e som.

Ao analisar os diversos empregos deste termo, Santoro (1989), exemplifica a importação das expressões usadas em outras mídias, “como ‘fazer televisão’ ou ‘fazer rádio’ significa trabalhar nesses meios de comunicação, ‘fazer vídeo’ quer dizer produzir programas utilizando equipamentos eletrônicos, para a TV ou para exibição em qualquer circuito ou aparelho individual”. (p.17).

Para esse autor, o vídeo tem um sentido bem amplo, que inclui, além da produção, a distribuição e a exibição de fitas pré-gravadas com filmes ou programas de TV, isto é, como suporte de outros meios de comunicação, compondo assim o mercado de vídeo, comercial ou não.

Para ele, e para mim, o vídeo é um meio de comunicação com conteúdo, processo de produção e espaço de exibição própria, apesar de possuir algumas características e elementos de linguagem comuns ao cinema e à televisão.

Para Machado (1990), o termo vídeo “abrange todos os fenômenos significativos que se deixam estruturar na forma simbólica da imagem eletrônica, ou seja, como imagem codificada em linha sucessiva de retículas luminosas”. (p.7)

Portanto, para ele, o que diferencia o termo na escala dos audiovisuais são os equipamentos de produção e o suporte que proporcionarão a captação e o registro dos significantes.

Quanto ao aparelho de gravação e reprodução de som e imagem eletrônica, recebe a denominação de videoteipe ou videocassete quando utiliza a fita magnética de gravação de imagem e som dentro de um cassete de plástico. Ultimamente, o seu

A facilidade de exibição é também um aspecto vantajoso para o vídeo. Este fator foi em grande parte, potencializado pela democratização da TV e do videocassete. Desta forma a produção audiovisual em fita magnética possui sua veiculação garantida nos mais diversos locais, podendo ter, inclusive, uma exibição pública e privada.

(p.49)

O videocassete se popularizou. Mas no momento de sua chegada ao Brasil, em 1978, somente a classe economicamente abastada o possuía. E, segundo Almeida, “introduzindo no país através de ‘facilidades’ alfandegárias” (Almeida, 1984, p.28). Posteriormente, o fluxo se deu por meio de contrabando, que orientou o mercado desse tipo de equipamento. Só em 1982, a indústria brasileira lança o seu primeiro videocassete.

Essa aparelhagem, tão pequena e simples, tem a capacidade de neutralizar o poder do maior meio de comunicação de massa — a televisão — porque com ela é o usuário quem decide o tipo de imagem que quer ver, na tela do televisor.

Sobre isso Santoro (1989) fala: “A característica mais relevada do vídeo passou a ser sua adaptação à ‘guerrilha de imagem’ que deveria ser feita contra a TV de massa”. (p.22).

Aliás, Jean Louch Godard ao se referir à televisão em uma semana sobre o cinema político em Montreal, declara:

“Quero dizer ao público, inicialmente, que ele não possui esse instrumento de comunicação — ainda nas mãos dos notáveis — mas que poderá servir-se dele se lhes derem oportunidade, para dizer e ver o que quiser, como quiser”.

O vídeo dá a liberdade de escolha, inclusive, uma resposta às opções limitadas oferecidas pelos meios de comunicações de massa. A liberdade de optar por programas gravados da TV, alugados em videolocadoras, disponibilizados por produtores independentes, amplia a possibilidade de acesso e oportunidade para expansão de uma contracultura audiovisual.

Além da liberdade que o vídeo proporciona, também sua linguagem merece comentário, feito por Paiva (2003):

nome está reduzido para “vídeo”, o que favorece a confusão agregada a esse termo. O vídeo, na verdade, é o que está “inscrito” na fita de vídeo. Inicialmente esta fita seria chamada de videocassete, mas este nome foi perdido para o aparelho reprodutor de audiovisual.

O vídeo existe graças à tecnologia. Ele é resultado do desenvolvimento da técnica da fotografia, do cinema e da televisão. Acredito que seu potencial possa ser melhorado no tocante ao desenvolvimento humano, pois como diz Ferres (1996):

A ênfase não deve ser colocada na tecnologia, mas na forma de expressão. O audiovisual deve ser compreendido como um diferencial no processamento de informações. Somente com uma adequada concepção do vídeo, pela adoção de critérios de usos coerentes, poder-se-á aproveitar todo o seu potencial educativo.
(p.6)

Agora, então, o investimento deve se voltar para o espírito criador humano e para a potencialidade expressiva dessa tecnologia a fim de que seja bem aproveitada onde estiver inserida.

Tenho certeza de que Charlie Chaplin e os demais cineastas da década de 20 gostariam de viver hoje para gozar da facilidade, simplicidade, versatilidade e qualidade do vídeo. Aqueles pioneiros ousaram e criaram verdadeiros clássicos, munidos apenas de rudimentares equipamentos, com poucas possibilidades.

O vídeo atualmente é uma tecnologia de pouco custo — até as pessoas de baixa renda podem ter acesso a ele — e o seu manuseio não é difícil. Anísio Teixeira, em 1971, mesmo antes da entrada desse equipamento no Brasil, já previa as suas vantagens e falava da praticidade de suas funções de avançar, retroceder e “congelar” a imagem. “Isso favorecia sua utilização nas atividades escolares”. Ainda mais: as imagens contidas em uma fita podem ser reproduzidas em outra, o que facilita sua distribuição, aumentando o número de seus espectadores. Além disso, o seu tamanho reduzido favorece sua locomoção. Seu único contratempo é o período de armazenagem porque a vida útil de uma fita de qualidade não ultrapassa 10 anos.

A pedagoga Valnice Paiva (2003), defende o uso do vídeo, dizendo:

O vídeo possui uma linguagem rígida, mas empresta da pintura, do teatro, do rádio, da fotografia, do cinema e da TV muitos dos seus códigos significantes, embora os sentidos possam ser totalmente modificados. Além disso, sua tecnologia oferece potencial para criar formas expressivas mais específicas, inclusive ainda não experimentadas em outros meios. (p.57)

É por esse motivo que Machado considera impura, por natureza, a linguagem videográfica. Mas é pelo mesmo motivo que eu a considero rica. O vídeo, empregando as formas de linguagem dos demais meios de comunicação, torna-se uma síntese deles, compartilhando sentidos e ampliando seu campo de análise.

1.3 VÍDEO E ESCOLA – um “casamento” perfeito

O Vídeo, devido ao seu formato compacto, a sua linguagem seletiva, ao seu conteúdo conciso, é um grande aliado dos professores e professoras engajados na formação do conhecimento de seus educandos e nas mudanças ocorridas na sociedade.

Paulo Freire (1996), nos orienta que:

A educação precisa alicerçar seus saberes na ética, no intuito de minimizar a perversa realidade dos explorados; contudo a este saber, que deve ser alimentado por ‘calorosa paixão’ se faz necessária a adição de outros saberes da realidade concreta, como saberes técnicos em diferentes áreas, a exemplo da comunicação. (...) Precisamos nos preparar para discernir as ‘arapucas’ armadas pelas mídias, adquirindo saberes que são ferramentas para deixar aparentes as verdades ocultas pelos recursos técnicos utilizados pela mídia. (s.p)

Ferres (1998), também fala da soberania da TV:

Como enfrentar o extraordinário poder da mídia, da linguagem da televisão, de sua ‘sintaxe’ que reduz a um mesmo plano o passado e o presente e sugere que o que ainda não haja está feito? Mais ainda, que diversifica temáticas no noticiário sem que haja tempo de reflexão sobre os variados assuntos. (p.156)

Esses autores chamam nossa atenção para a necessidade de conhecermos a linguagem televisiva para podermos tirar proveito dela e melhor orientar os nossos alunos no seu estudo.

Por isso a formação dos professores e professoras que procuram sintonizar-se com as características dos tempos pós-modernos precisa ser direcionada para o envolvimento responsável com as tecnologias. Deve ocorrer um imbricamento sério entre educador/educadora e tecnologia, na esperança de promover a promoção humana e democrática.

Babin (1989), considera que apenas:

Uma educação crítica para a comunicação humana pode responder à multiplicidade das técnicas de controle ou de manipulação. Definitivamente, é o futuro da democracia que está em jogo. (p.155)

É totalmente possível incluir o vídeo, democraticamente, na sala de aula, por ele ser um veículo de interação social e de apropriação de uma forma crítica e construtiva, quando se torna meio de expressão e de propagação de idéias do grupo que o utiliza.

O aluno já é predisposto a interagir com os audiovisuais por eles estarem presentes no seu espaço doméstico. Isso facilita a prática do professor que deve, então, conduzir o estudo com as tecnologias, não apenas como emissão de dados, mas como transformação de intelectos, facultando a participação e a autonomia desse educando na feitura de seu conhecimento.

O conhecimento para ser construído carece do real externo e do imaginário do aprendiz. Por isso Machado (1997), explica: “O vídeo passou a ser encarado como um sistema de expressão pelo qual é possível forjar discursos sobre o real e o irreal”. (p.188)

As tecnologias são capazes de criar imagens sobre a realidade das várias áreas do conhecimento. Por outro lado, segundo Serpa:

Toda realidade produzida pela física, no século XX, partiu da leitura de imagens e o desenvolvimento das tecnologias da imagem influenciou outros desenvolvimentos na física que por sua vez, retoma ao aperfeiçoamento das técnicas de captação e criação de imagens. (s.d, p.2)

É sabido que em cada área do conhecimento a produção ou análise de imagens assume uma caracterização específica. Também se sabe que nenhuma dessas áreas está rigorosamente acabada. A cada nova descoberta, há novos investimentos, novas potencialidades. A videografia se adapta a essas mudanças, acompanha a evolução e tem “passe livre” para atuar em qualquer área desse conhecimento humano.

Referindo-se a esse assunto, Paiva (2003), ilustra: “Os educadores precisam saber que esta incorporação urge ser realizada, porém ninguém melhor do que os próprios educadores para desenvolverem e descobrirem estas formas de penetração e os potenciais inerentes à educação”. (p.56)

Os educadores, de posse das tecnologias, podem romper com a prática docente tradicional, e fazerem como a professora primária do cineasta francês Jean Rouch, que no final do século XIX, colocava os seus alunos diante do deslumbrante mundo do cinema. E anterior a isso, ainda no século XVII, Comenius, o fundador da didática, já convidava os professores a substituir o livro didático pela fotografia, pelos desenhos, pelos mapas.

Alguns educadores ainda não superaram o preconceito quanto à imagem, ao cinema e ao vídeo, na sala de aula, evidenciando que os meios técnicos contribuem para os meios educativos; mas não os determinam. Pois como fala José Manuel Moran (2001), “não foi à comunicação que permitiu o desenvolvimento dos homens, foram às necessidades humanas que desenvolveram os meios de comunicação”. (p.52)

Empregar a tecnologia do vídeo na escola não significa empobrecimento e diminuição das exigências do ensino. Ao contrário. As facilidades comunicativas podem ser aproveitadas na informação e na difusão de fontes de pesquisa, estabelecendo relações interdisciplinares.

Com a entrada do vídeo no recinto escolar, transformaram-se as relações de hierarquia. Não há mais um professor “senhor sabe tudo”, há um diálogo entre mediador do conhecimento — professor — e construtor do conhecimento — aluno. Nessa interação, a discussão é de igual para igual, incrementando o processo educativo. A aprendizagem, assim, pode ser mais significativa e gratificante. Poder-se-á até descobrir que “o conhecimento é o resultado da habilidade de estabelecer múltiplas relações, incluindo o novo no pré-existente”. (Moran, 2001, p.54)

Inundar a sala de aula com a videografia, é um sinal de modernidade, comodidade e sincronia com a tecnologia. Por isso não é redundância, e sim reforço de idéia, quando repito que os professores devem estar suficientemente preparados na sua prática pedagógica, para relacionar os vídeos desejáveis e escolher um método que permita levantar problemas, comparar, distinguir, inferir e voltar ao exame da realidade, sem serem enganados, nem manipulados.

Geralmente, são selecionados vídeos curtos que possam ser elucidados em classe. Cada videoespectador — professor e aluno — identifica os cheios e vazios no vídeo, aprendendo o indispensável para sua aprendizagem, entendendo que é possível formar novos conteúdos, novas verdades, relacionando os contextos apresentados com os já internalizados. Para que isso aconteça, urge repensar o que é aprendizagem. É o que Moran (2001), faz quando diz:

Para que televisão e vídeo entrem na sala de aula é necessário que se adaptem seriamente as características da aprendizagem. A aprendizagem é um processo, não se dá por tópicos ou pontos ou segmentos isoláveis, portanto não basta falar do que se quer ensinar ou fazer uma “gramática” da televisão educativa (p.58)

Uma telepedagogia séria sugere mudanças, e mudanças profundas, no ambiente de estudo. Ela força o treinamento da visão, da audição e da atenção. Contribui para o exercício da memória, do raciocínio e da socialização. Auxilia na prática da oralidade e da escrita. Além de despertar a criticidade de quem a executa. Através dela cria-se pensar “visualmente o mundo”, repensando suas relações entre pessoas e sociedade. Afinal como ressalta Machado, “a televisão é e será aquilo que nós fizemos dela”.

A telepedagogia não é o fim, mas é o meio pelo qual podemos, sem sairmos da sala de aula, conquistarmos o universo.

1.4 Leitura e vídeo – A decodificação de um símbolo

O vídeo é um texto e como tal pode ser lido. Sua leitura é similar a de um texto escrito e exige atenção, percepção e memória.

Para Pontes (2001), “o leitor proficiente lê rapidamente, mais ou menos 200 palavras por minuto, se o assunto lhe for familiar e um número menor se ele for desconhecido ou difícil”.

Com o vídeo acontece quase a mesma coisa. Uma história interessante, produzida em língua nacional ou mesmo sem áudio, prende o interesse do telespectador — criança, jovem ou adulto — e gera um entendimento satisfatório. O leitor proficiente empenha-se nas imagens e lê, mentalmente, usando o movimento sacádico de seu olhar e a partir daí, é capaz de reproduzir, verbalmente, o captado pela visão e pelo cérebro.

Aliás, para Lúcia Fulgêncio (1998):

“O tempo durante o qual o olho deve ficar exposto a uma informação visual para percebê-la, é muito pequeno: cerca de 50 milésimos de segundo, mas que o cérebro leva mais tempo para processar essa informação: cerca de $\frac{1}{4}$ de segundo (250 milésimos de segundo). Isso quer dizer que a aplicação cuidadosa da mente durante a visualização da imagem é primordial para a sua devida apreensão. Se o olho se desviar ou a atenção mudar de foco boa parte das imagens se perde e a leitura se compromete”.

O cérebro consegue “ver” a imagem e processá-la, mas para que isso aconteça, além do tempo necessário e do exame atento, também carece da memória. Se a imagem alude a um tema conhecido ou de fácil entendimento, a memória curta — aquela que armazena, temporariamente, as informações recebidas — é acionada. Se a imagem é marcante, capaz de interferir no comportamento ou na vida do observador, é a memória a longo prazo — aquela que conserva por tempo indeterminado ou por muito tempo a informação — que atua, transformando essa mensagem em conhecimento, arquivado para sempre numa gaveta cerebral. E se

ainda a imagem de nada interessar a quem a olha, talvez nem seja percebida pelo cérebro e se perca na imensidão do vácuo.

A visão tem um papel importantíssimo na leitura de um vídeo. Tanto o leitor iletrado quanto o proficiente necessitam da informação visual (IV) como ponto de partida das suas atividades leitoras. Smith (1989) reage parcialmente a isso, dizendo que o acesso a esse tipo de informação não é suficiente para o entendimento de um texto. Mas quando se fala de informação visual já se subentende a mentalização que a acompanha.

Claro que para a perfeita compreensão de um determinado dado, como também foi dito anteriormente, o sujeito se utiliza de outras informações denominadas informações não visuais (InV), adquiridas no decorrer da vida, guardadas na memória permanente e que constituem o seu conhecimento de mundo.

Então, se pode dizer que a leitura é o efeito do intercâmbio entre o que se vê com os olhos e o que se “vê” com a memória.

O leitor proficiente, portanto, faz uso de seu conhecimento prévio, de suas experiências, de seus gostos, de suas atitudes, de sua história de sua vida na leitura de um vídeo.

Também se pode comparar a leitura de um vídeo com os modelos teóricos na área de leitura escrita.

Ruddell (1976) diz que “a leitura é um desempenho psicolinguístico que consiste na decodificação de unidades lingüísticas escritas ao longo de dimensões estruturais e semânticas”.

A leitura de um vídeo é uma decodificação, não de palavras, mas de imagens. Essa leitura mental ou verbalmente, emprega a língua. E a língua, como se sabe, é uma estrutura significativa, formada pela fonética, morfologia e sintaxe. Não se estuda uma imagem desprezando-se essas facetas da língua. Pode-se até nem se dar conta de que se está utilizando esses mecanismos. Mas se está, sim, usando-os na fala e na análise de qualquer texto. E ainda se emprega a semântica, no estudo videográfico, da qual me ocuparei mais tarde.

Goodman (1976), considera a leitura como uma “atividade de interação entre o pensamento e a linguagem”.

Nada mais óbvio do que esta afirmativa porque a linguagem é a representação do pensamento. Pensamos em forma de texto. A linguagem não é uma palavra solta, nem tampouco o pensamento o é.

Por isso, quando vemos um vídeo, pensamos sobre ele, falamos sobre ele. Esse pensamento e essa fala são linguagem. O vídeo, pois, é linguagem.

Kintsch (1978), afirma que “as bases textuais e, portanto, o significado, não são objeto do mundo, mas simplesmente o resultado de certos processos psicológicos”.

Porque é sabido que o impresso em uma folha de papel ou em uma película videográfica só tem significado a partir do momento em que se reflete sobre ele. E toda reflexão exige mentalização psicológica do leitor. Uma palavra, um desenho, um vídeo só se tornam texto, e texto significativo, quando um leitor interage com ele.

Até discordo de alguns pensadores que relegam grande importância para o autor do texto. Há tantos textos anônimos que se casam muito bem com nossa mente e originam ótimas leituras. De nada adiantaria a imponência e sapiência do autor sem a paciência e curiosidade de quem lê. Quem dá vida à obra de arte é o leitor. Assim, só há leitura se houver interação entre texto e leitor.

Pensando nisso, Orlandi (1982), ressalta que “o autor e o leitor são os sujeitos sociais da leitura, num processo necessariamente dinâmico e mutável”. É por isso que um vídeo lido e examinado hoje, de uma certa maneira, poderá amanhã, ser motivo de uma nova leitura, nova interpretação. Se o passar das horas modifica o resultado do entendimento, um leitor diferente também pode ter uma outra óptica sobre um mesmo assunto. Isso devido ao imenso poder mutante desse objeto de estudo. Qualquer texto parece passivo no seu canto, mas quando atingido por uma mente perspicaz cria variados saberes.

O dono ou a dona dessa capacidade mental não precisa ser necessariamente letrado, como exige Kolinski — pesquisadora da Universidade de Bruxelas.

Ela prega que “os iletrados não são capazes de efetuar uma análise interna de uma gravura”.

Não são mesmo capazes? E que nome se dá à atitude narrativa que alguém adota em relação a um capítulo de novela? Mesmo quem não sabe decodificar o código escrito, consegue ler muito bem um enredo novelístico que lhe é apresentado. Quem não é escolarizado também pensa, também age, também é sábio desde que o conteúdo da conversa ou do texto, como disse anteriormente seja cativante ou faça parte de seu cotidiano. Essa pessoa iletrada está inapta apenas na escrita e certamente possui um reduzido vocabulário. Mas isso não é sinônimo de escassez de idéias.

Um outro recurso cerebral que muito colabora, tanto na leitura da escrita quanto na da videografia, são as previsões. Quase todo leitor costuma imaginar — mas isso acontece no primeiro contato com o texto — a próxima atitude de uma personagem ou o informe seguinte a aparecer na tela do televisor. Nem sempre a antecipação se torna realidade. Nem sempre o examinador comenta o que prevê, mas a presciência é realizada. Eu, por exemplo, com o filme “A Visão”, exibido pela Globo no dia 29 de maio de 2004, deduzi que o assassino em série fosse o chefe da policial que investigava o caso e não o seu colega de trabalho, como adiante se evidenciou. Pensei também e dessa vez acertei, que a garota que pedia socorro já estivesse morta.

As intuições surgem na mente do sujeito leitor por causa das pistas fornecidas pelo próprio texto e por causa ainda do engajamento de quem lê com a leitura.

Além dessas supostas adivinhações, o leitor dialoga com as imagens que desfilam diante de suas pupilas, levando em conta a bagagem de cultura depositada anteriormente no seu memorial interno. São as inferências.

O indivíduo que se envolve no deciframento de uma projeção televisiva infere com as mensagens lidas por meio de opiniões favoráveis ou contrárias, por meio de críticas e defesas e por meio de cortes ou acréscimos informativos.

É nesse momento que leitor e autor se comunicam. O leitor, criteriosamente, enxerga o que o autor de propósito, escondeu nas “entrelinhas” do apresentado. O número e a qualidade de inferências abordadas acerca de um certo signo exprimem a sutileza interpretativa do analista imagético. As inferências são o colorido térmico da leitura eficiente. Uma leitura sem inferência não é leitura: é uma gélida repetição de vocábulos mortos. Logo, as inferências dão calor, relevância e vida ao que se lê.

No entanto, essa aptidão de leitura não é produto de algum milagre: é consequência de exercício, pois como reza Kleiman (1989), “o caminho para chegar a ser um bom leitor consiste em ler muito”.

Concordo piamente com esta fala porque será impossível descobrir o conteúdo de um livro ou de um vídeo se os dois permanecerem lacrados. Como se sabe “só se aprende a ler lendo”. Um estudante carece de tempo, de treino, de persistência, de coragem e de incentivo para se embrenhar nas misteriosas e apaixonantes galerias multicolores e dinâmicas que se oferecem ao se ligar um televisor.

Inicialmente é difícil, como em todo aprendizado, mas uma boa insistência aliada a uma sábia inferência docente, resolvem o problema. E o vídeo deixa de ser um *bicho-de-sete-cabeças* para ser um quebra-cabeça, isto é, instrumento de estudo. É só praticar sua leitura.

Nessa prática leitora lembremos o dito de Frank Smith “os leitores lêem com uma finalidade” e disponibilizemos textos coerentes com a classe de educandos. Algumas vezes já afirmei aqui que o tema hipnotisa o leitor. Se o texto videográfico exposto tiver importância e finalidade para o aluno, haverá simpatia e, automaticamente, entendimento e aprendizagem. Um enunciado distante da realidade do leitor trará, ao contrário de prazer, aborrecimento, na sua leitura. Talvez, nem haja leitura e sim, desentendimento e desconforto.

O assunto do texto deve, pois, se harmonizar com o interesse e as convicções de quem o analisa. Se dessa sintonia proceder respostas a eventuais questões arquitetadas pelo leitor é sinal de que o texto tem o objetivo e condiz com os anseios e metas do sujeito leitor.

1.5 Vídeo e Interpretação – o desenrolar de um fio

Interpretação, no novo Dicionário da Língua Portuguesa, de Dermival Ribeiro Rios (2000), é “o modo de explicar o sentido de uma palavra; modo como um ator ou atriz representa um papel”.

Para Orlandi (1996), é “a manifestação de sentido de todo e qualquer tipo de linguagem”.

Para mim, é a reação do intelecto — no caso do tema deste trabalho — a um estímulo luminoso — o texto imagético. Isto é se há uma imagem, mas não existe luz, o cérebro não capta a essência dessa imagem, logo, não ocorre à interpretação. Essa interpretação, portanto, é uma relação harmoniosa entre imagem, razão e resposta.

Em tudo na vida há uma resposta. O mundo é resposta de um criador. Eu sou resposta do abraço de um casal. A tecnologia é resposta às conquistas científicas do final do século XIX. As representações iconográficas são respostas à tecnologia produtora de imagem e som.

“Vivemos imersos em imagens” (Moran, 2000). E para percebê-las, decifrá-las e dar-lhes sentido, usamos os nossos sentidos. Pois, como fala Chomsky, “(...) Foi preciso que você se apropriasse dos signos da língua, das regras e processos de sua utilização. Devagar e sempre por meio de sua atividade pessoal você se apropriou de um sistema finito de possibilidades infinitas” (s.d)

Através do exercício mental meticuloso aprendemos a procurar o sentido do que vemos em um texto imagético. Aliás, para o professor Antenor Rita Gomes (2004):

“O sentido é em primeiro lugar algo aberto, potencial, não evidente. É o outro lado aparente e situa-se entre a presença e a ausência. Os sentidos não são nunca acabados, porque o homem está sempre interpretando. (...) Por outro lado, o sentido está sempre à espera de ser dito para poder existir”.

Isso quer dizer que a pessoa cria um signo, um texto. O texto, automaticamente, se dá um significado, um sentido. E uma ou outra criatura humana se incube de

desvendar esse sentido. É como se esse sentido fosse um novelo de lã do tamanho do universo. O analista vai projetando idéias, construindo suposições à medida em que seus “dedos neuronais” desenrolam o fio. É um prolongado processo. Talvez até infinito. As possibilidades não se esgotam, multiplicam-se. Cada sugestão embriona uma próxima. E assim sucessivamente. Posso então afirmar que o sentido é o sangue existencial da interpretação, é o espírito vital do texto.

Pois, como escreve Orlandi (1996): “A linguagem é um sistema de relações de sentido onde a princípio, todos os sentidos são possíveis, ao mesmo tempo em que sua materialidade impede que o sentido seja qualquer um”.

Realmente. Todos os sentidos são possíveis, dependendo da mente que os acesse. Mas, esses sentidos precisam, claro, de lógica, de ‘sentido’ e de voz para se expressar. Em uma imagem nenhum elemento fala mais do que o sentido, ou melhor, do que os sentidos. A imagem é uma, os sentidos, múltiplos. E eles falam aos nossos ouvidos, gritam ao nosso cérebro, explodem aos nossos olhos. Podem até não fazer ruído, por se saberem especiais e esperarem o sinal certo para se manifestar, mas têm voz, sim. Uma voz polifônica, polissêmica e heterogênea. Uma voz poderosa que nos excita, nos incita, nos inquieta. Às vezes, até nos amedronta com tanto mistério, com tantas interrogações e reticências. Às vezes nos deixa abobalhados diante de tanta complexidade e possibilidades. E outras vezes, ainda nos imobiliza, conscientizando-nos de que somos insignificantes perante sua significância.

Pensando na pluralidade de sentidos de um vídeo também me atrevo a admitir que toda imagem produzida é um dado cultural, contribuindo para a significação, ligada à ideologia do seu criador e do seu intérprete. Isso porque nenhum dos dois consegue se desvincular de sua concepção de vida. Se o autor é capitalista, socialista, anarquista, racista, moralista, ateu ou crente pode impregnar, mesmo que sutilmente, sua obra com esses traços. E quem analisa um ícone, procede da mesma forma. É impossível se neutralizar, ideologicamente, quando se interpreta

determinado trabalho. A ideologia é a roupagem da interpretação. É a identidade do intérprete. E como se expressa Orlandi (1996), mais uma vez:

“A interpretação é o vestígio do possível. É o lugar próprio da ideologia e é materializada pela história”.

Sendo assim a interpretação é fecundada pela ideologia. O que é dito sobre o visto preenche-se de princípios morais, filosóficos, religiosos, sociais de quem o diz. E essa abordagem, mesmo que só pensada ou falada, torna-se fenômeno histórico por se originar de um ser humano e tudo que deriva do homem é partícula da história universal.

Por sinal, o indivíduo vê a imagem não simplesmente com os olhos. Por trás de sua visão orgânica encontram-se as emoções, os sentimentos, os saberes, a história.

Mas aquilo que se aprende visualmente reforça conexões temporais e espaciais, tornando-se mais duradouras, facilitando a organização esquemática. Quando a visualização é associada a situações narrativas que agregam componentes de emotividade, a retenção dos conhecimentos é maximizada.

É por isso que os conteúdos apresentados nos vídeos educativos não devem ser mostrados como unidades fechadas. Eles precisam oferecer dificuldades que requeiram análise e exame posterior.

É certo que imagens videográficas bem construídas podem ofertar evidências utilizáveis como base para formação de conceitos. Essas imagens empregadas na telepedagogia são quase sempre novas, obrigando os espectadores a exercer uma atividade intelectual intensa, se quiserem apreender a intencionalidade do texto.

Como falei anteriormente, a leitura de um vídeo se dá quando ocorre a interação entre obra e leitor. Mas a interação não é palpável, não é externa. É uma disposição da inteligência que surge na procura de uma verdade, graças à fecundação recíproca entre as ideais e as experiências compartilhadas.

Essa interação necessita de uma boa dose de racionalidade porque a imagem televisiva é dirigida antes à afetividade que à razão, podendo interferir nas atividades perceptivas, imaginativas e comportamentais, pois, como atesta Moran

(2000), “a televisão fala primeiro aos sentimentos, às emoções — o que você sentiu, não o que você conheceu”. Essa frase procura explicar a maneira como a imagem da TV nos aborda, mostra que as idéias estão embutidas na roupagem sensorial, intuitiva e afetiva. A televisão mexe com o emocional, com as nossas fantasias, desejos, instintos. Observemos que a eficácia de comunicação dos meios eletrônicos, em particular da televisão, deve-se à capacidade de articulação, de superposição e de combinação de linguagem totalmente diferentes — imagens, falas, música, escrita — com uma narrativa fluida, com lógica pouco delimitada, gênero, conteúdos e limites éticos pouco precisos, o que lhe permite alto grau de ambigüidade, de interferências por parte de concessionários, produtores e consumidores. Essa caracterização multifacetária proporciona um vasto campo interpretativo. Como falei anteriormente, nem sempre a interpretação condiz com o exposto na obra, pois como atenta Orlandi: “a interpretação é passível de equívocos”. Podemos enxergar e pensar aquém e além do exibido em um texto.

Orlandi também ressalta que “o dizer é aberto” porque é ilimitado o poder interpretativo do ser humano. Uma única imagem gera motivos para a escrita de resenhas, artigos, depoimentos, livros; além de comportar assunto suficiente para calorosas contendas e controvérsias.

Essa preciosa gama de interpretação no caso do vídeo acontece devido ao grande componente sublimar da imagem, isto é, a imagem passa muitos informes que não captamos conscientemente. Notamos que nosso olhar nunca consegue captar toda a informação.

Então escolhe um nível que capte o essencial, o suficiente para dar um sentido ao caos e organizar a multiplicidade de sensações e dados. E, segundo Moran (2000):

“O nosso olhar foca a atenção em alguns aspectos analógicos, nas figuras destacadas nas que se movem, e com isso conseguimos acompanhar uma estória. Mas dessa maneira, deixamos de lado inúmeras informações visuais e sensoriais que não são percebidas conscientemente”. (p.27)

Esse autor diz mais:

“O Ver está, na maior parte das vezes, apoiando o falar, o narrar, o contar estórias. A fala aproxima o vídeo do cotidiano, de como as pessoas se comunicam habitualmente. Os diálogos expressam a fala coloquial, enquanto o narrador (normalmente em off) costura as cenas, as outras falas, dentro da norma culta, orientando a significação do conjunto. A narração falada ancora todo o processo de significação”. (p.29)

É obvio que na interpretação efetuada, além da visão externa — olhar, da visão interna — pensar, usamos a visão articulada — o falar. Interpretamos com palavras. Gostamos de ouvir nossa voz e a voz de quem assiste a um vídeo conosco. Quando conversamos sobre as imagens expostas, arquitetamos hipóteses, elaboramos juízos, garimpamos sentidos. Interpretação e fala, portanto, andam de mãos dadas, na descoberta de significados.

Falando da análise de um vídeo, o professor Roberto Sidnei Macedo (2000) explica:

“Temos que, no texto verbal, a referente se textualiza, isto é, fixa a apreensão de um tempo; no não-verbal, o referente é enfaticamente contextual, sofre o impacto de um ritmo que não se deixa fixar e deve ser ele próprio considerando linguagem”. (p.184)

Ou seja, devido, a sua peculiaridade, o território semântico do texto imagético constitui-se por flashes. A imagem pára no tempo, sem reter esse tempo. Representa um instante presente, passado ou futuro, sem se fixar no tempo. Entretanto, esse instante requer uma contextualização para ser tomado como linguagem e ser compreendido. Uma simples estrutura frásica é insuficiente para abarcar o seu âmago. O semântico, com sua estrutura aberta e polivalente é capaz de satisfazer essa categoria interpretativa.

Por exemplo: se eu vir, isoladamente, o ovo azul do vídeo “estressanimal”, direi: “É um ovo azul”. Porém, se o vir no contexto, no semântico da película, retrucarei, com segurança: “O essencial na vida capitalista é produzir. Mesmo que eu seja diferente, para ser aceita na sociedade, tenho de ser produtiva”.

Em suma, o semântico é a chave-mestra da interpretação. Por meio dele, a imagem escancara suas cores, sua forma sua música, seu movimento,

metamorfoseando-se em palavras que representam, harmoniosamente, seu papel de atrizes da linguagem. E aí acontece o espetáculo da comunicação imagética — o desabrochamento do sentido.

Por fim, na análise de Levy (1993), a imaginação é uma das áreas da inteligência mais potencializada pela linguagem audiovisual. Martine Joly (1996) focaliza que o trabalho com a imagem e sua análise pode desempenhar funções tão diversas como aumentar o conhecimento, ensinar, permitir ler ou conceber com maior eficácia mensagens visuais, além de proporcionar prazer, pois “compreender é um prazer”. Por isso, segundo ele, “uma das funções primordiais da análise é sua função pedagógica”, que, embora possa ser exercida nas escolas, não se restringe a este espaço. Isto pode ser uma boa maneira de o espectador escapar à impressão de manipulação, aliás, tão temida.

CAPÍTULO II

CAMINHO METODOLÓGICO

O vídeo é uma trilha
que me aponta trilhas
que me torna trilha

Uma vez que me envolvo com a telinha azulada desde os primórdios de minha vida consciente, nada mais justo, mais prático e melhor para mim, que aproveitar meu próprio ambiente de trabalho como palco da minha consulta sobre “utilização do vídeo em Língua Portuguesa”.

Todavia isto não que dizer que o fato de eu estar observando meus alunos e o meu próprio desempenho, me fizese agir de maneira superficial e descomprometida com a verdade. Foi um acontecimento subjetivo, claro, mas autêntico e sério. Estudando minha atitude manipuladora videográfica pude aguçar um pouco mais meu sentido crítico e analítico e aprofundar minha cultura e a dos meus educandos. Pois, como confessa Morin: “O conhecimento por mais físico que seja não pode ser dissociado de um sujeito conhecedor, enraizado em uma cultura e numa história”.

E quando “pesquisanda” e pesquisados são sujeitos da mesma história, com certeza, o conhecimento se dá de um jeito confortável e especial.

Para elucidação desse conhecimento é muito importante a qualidade. Afirmo isso, lembrando o pensamento de Macedo (2000):

“A organização qualitativa do processo de construção do conhecimento inclui a informação produzida pelo extensivo dentro de uma lógica qualitativa, por conseguinte, o conhecimento nunca é a expressão matematizada dos dados empíricos, é, em realidade, o resultado de construções teóricas que emergem vinculadas aos indicadores diversos constituídos em nível empírico”.(p.70)

Ou seja, um único vídeo de dez minutos, por exemplo, pode conter informações suficientes para várias horas de discussões e para descoberta de inúmeros conteúdos, já que o conhecimento independe da quantidade de informes, mas carece da intensidade da atenção, do raciocínio e do estudo minucioso do sujeito que o deseja construir.

Em uma pesquisa, por mais simples e pequena que seja, é imprescindível o diálogo entre o sujeito e o objeto de estudo. No meu caso — eu, meus alunos e os vídeos escolhidos para o evento. A pesquisa consistia em olhar refletir, atuar e re-

olhar. E nos mobilizar de algum modo para resolver o nosso problema: “O que o vídeo pode nos ensinar?”

Penso que em toda pesquisa há dois tipos de figurantes com os quais nos relacionamos: os que nos incentivam, dizendo que tudo vai dar certo e que apostam na nossa vitória e aqueles que nos bombardeiam com o seu desânimo, afirmando que não chegaremos a lugar nenhum e torcem pelo nosso fracasso. Preferi confiar nos primeiros e acreditar que para o êxito de uma pesquisa-ação (vou chamá-la assim) não é necessário ser uma “iluminada” para fazê-la, basta ser tão somente uma apreciadora de tesouros videográficos e querer incrementar o estudo de sua turma com essa preciosidade.

É tão fácil manusear um livro didático. Fácil e sem encanto porque o conteúdo está às claras. É mais difícil, mas enriquecedor, desvendar os segredos de uma película imagética. É muito bom enfrentar desafios, experimentando o diferente.

Freire (1998), falando sobre as experiências que norteiam a vida humana e nos faz sentir seres históricos e comunicantes, admite:

“Pormenores assim da cotidianidade do professor, portanto igualmente do aluno a que quase sempre pouca ou nenhuma atenção se dá têm na verdade um peso significativo na avaliação da experiência docente. O que importa, na formação docente, não é a repetição mecânica do gesto, este ou aquele, mas a compreensão do valor dos sentimentos, das emoções, do desejo, da insegurança a ser superada pela segurança do medo que, ao ser ‘educado’ vai gerando”.

O medo de ser criticada por “obrigar” meus alunos a passarem horas diante do vídeo, fazendo anotações, já superei há muito. Também já assumi a coragem de ser uma educadora diferente e me atrevo a induzir minha classe estudantil a junto a mim, enfrentar os desafios.

Às vezes me preocupo quando ouço provocações como a do professor Milton José de Almeida (2001):

“Parece que a escola está em constante desatualização, que é sublinhada pela separação entre a cultura e a educação. A cultura localizada num saber – fazer e a escola num saber – usar restrito desqualifica-se o educador, que vai ser sempre um instrumento desatualizado. (s.p)

Em todas as escolas onde lecionei, criava situações para desenvolver o pensamento crítico dos estudantes. Sempre provoquei mudança (apesar da aparência alienada, faço uma revolução silenciosa). Muitas vezes fui e ainda sou discriminada por isso. Mas continuo insistindo.

Quis, com esta pesquisa, aquecer os ânimos na aceitação das mudanças necessárias que culminassem na adoção da linguagem audiovisual pelo menos por meus alunos no Grupo Escolar Emília Brandão, em Jacobina-Bahia.

Meu trabalho foi uma pesquisa-ação porque como afirma Dubost:

“A pesquisa-ação é a revolta contra a separação do pensamento e a ação que é uma herança do *laiser-faire* do século XIX. É uma tentativa desesperada de transcender a estéril especialização das Ciências Sociais com seu implícito repúdio da responsabilidade humana para com os acontecimentos sociais”. (s.d)

Diante desta perspectiva considerei mais apropriada a abordagem da pesquisa – ação que consiste em uma linha de pesquisa associada a diversas formas de ação com o objetivo de promover mudanças. No meu caso, a ação prevista foi a de os alunos perceberem que o vídeo é uma rica fonte de pesquisa para elaboração dos nossos conteúdos textuais.

Para Bogdan e Biklen (1991), “não estamos diante de uma pesquisa-ação se a pesquisa não é orientada diretamente a ação para mudança”.

E para Paiva (2003):

“Ao se configurar uma situação problemática, os sujeitos envolvidos no problema desejam a sua erradicação e, muitas vezes, as ações para a mudança surgem no seio do próprio coletivo que se mobiliza para a alteração de situação-problema”. (p.71)

Na minha sala de aula não era realmente um problema. Era mais um desejo de verificar os resultados de uma ação conjunta, na busca pelo conhecimento.

Como sempre estive imbricada com a imagem televisiva, quis transferir esse gosto (bom gosto) para meus alunos e provar-lhes que a mudança é possível, desde que se predisponha a isso.

E para tal realização, Barbie me apoiou moralmente, dizendo (2002):

“A pesquisa-ação obriga o pesquisador de implicar-se (...). Ele também implica os outros por meio do seu olhar e de sua ação singular no mundo. Ele compreende então que as ciências humanas são essencialmente, ciências de interações entre sujeito e objeto de pesquisa. O pesquisador realiza que sua própria vida social e afetiva está presente na sua pesquisa sociológica e que o imprevisto está no coração da sua prática”. (p.14)

Este é um tipo de pesquisa que exige um envolvimento total entre os seus atores sociais. Tanto o pesquisador como os pesquisados estão implicados na pesquisa e ambos desempenham um papel ativo e altivo nesse processo.

Considero a permuta do livro didático pelo vídeo, na sala de aula, uma atitude importante e ousada, não trivial. Uma ação problemática, merecedora de investigação para ser elaborada e conduzida, em conjunto. Foi o que fizemos, de 12 a 17 de maio de 2004, no vespertino e de 24 a 28 de maio de 2004, no noturno, com os vídeos “Chico bento no Shopping” e “Fuga do Moinho”, respectivamente.

No envolvimento com o grupo as relações se construíram, descobrindo os participantes mais dispostos a contribuir com o processo de mudança. Estes, sensíveis ao “problema”, se agregaram ao grupo para as discussões e as descobertas, na medida em que se estabelecia a confiança constituída a partir da escrita, da paciência e da interação entre nós, os sujeitos do evento.

Neste tipo de pesquisa não se trabalha “sobre os outros” mas “com os outros” (Barbie, 2002). A discussão coletiva é solidária nos proporcionou a construção a que nos propusemos. Não houve superposição, mas sim, intercâmbio de saberes. E o conhecimento foi processado, como prevíamos.

A interação havida entre os envolvidos numa pesquisa favorece uma maior consciência sobre o “problema”, seu contexto e sobre si mesmos e, assim, encorajam a mobilização para uma ação de mudança.

Mas devo salientar que houve um outro tipo de mudança, no comportamento da clientela, causado pela presença da câmera de vídeo. Isso, de certa forma, alterou um pouco a evolução do trabalho. Se o mesmo estudo tivesse sido efetuado sem a filmadora, como em outras ocasiões, o produto teria sido ainda melhor. Mas é sabido

que quase ninguém fica à vontade com uma máquina filmadora, vigiando seus movimentos, inibindo alguns alunos ou provocando exibição de outros. Minha intenção, no entanto, era apenas registrar o acontecimento, facilitando minha narrativa sobre ele. Até fiz questão de não preparar roteiro de análise, exatamente para testar nossa capacidade interpretativa. Deduzi, então que quando nenhum elemento estranho — filmadora ou gravador — invade nosso espaço, a aprendizagem flui mais facilmente.

Em todo caso, o trabalho foi muito bom.

CAPÍTULO III

VÍDEO – Um novo olhar na construção do conhecimento

Eu olho o vídeo
Que me olha
Eu abro o vídeo que me abre
E me faz falar ou calar

Como já falei anteriormente, desde criança admiro o movimento de imagens, na tela de um televisor.

Inclusive, admirar, do latim *admirari*, significa ver. Ver com espanto, contemplar, olhar atentamente, observar, meditar profundamente, fixar a vista em mirar. Estas expressões têm profunda ligação com o estudo de um vídeo, pois tudo começa com um olhar. Porém um olhar de quem deseja ver. Um olhar reflexivo que se volta para dentro do indivíduo que olha e se abre ao mundo; que conduz à origem de uma idéia. A partir daí ocorre todo o desenrolar da interpretação, semelhantemente à educação que, ao olhar de Freire, precisa ter em sua proposta o princípio da admiração (1992).

“Ao estar no mundo, você faz mais do que olhar e responder às coisas a sua volta por um sistema de comportamento pré-estabelecido. A questão da individualidade é fundamental; os marxistas mecanicistas esqueceram isso. Ao negarem a importância da individualidade para ressaltar apenas o social dentro do qual afogaram o individual, eles terminaram por negar o papel substantivo da subjetividade na feitura da História. Nós, homens e mulheres aprendemos muito mais do que apenas olhar; aprendemos a admirar, a espantar-nos diante do que vemos, a tratar a memória daquilo que ficou porque vimos antes, a estabelecer relações entre as coisas que se memorizam e as coisas que não foram ainda feitas. Descobrimos a razão de ser de coisas que são feitas hoje, mas que estão ligadas a um remotismo ontem. No momento daquele ontem você não dispunha de um instrumento intelectual”. (s.p)

Quando a admiração motiva nosso olhar, a apreensão da mensagem é mais rápida e fácil. Foi o que houve na leitura crítica, especificamente realizada para embasamento deste trabalho videográfico. Como o meu desejo era analisar o resultado do uso do vídeo na sala de aula, estipulei quatro critérios para o estudo:

- Selecionar um vídeo que despertasse o interesse da clientela;
- Evitar um roteiro prévio, no intuito de aproveitar os “insights” do evento;
- Direcionar a atenção dos alunos para os conteúdos explícitos e implícitos na fita, através de inferências, no decorrer do acontecimento;

- Fixar mais atenciosamente o olhar e o ouvido, no que se refere à Língua Portuguesa.

Escolhi para a quarta série do Ensino Fundamental – classe onde leciono à tarde — o vídeo gibi Turma da Mônica, da Maurício de Sousa Produções — “Chico Bento no Shopping”. É uma história alegre, animada, colorida que mostra o passeio de um caipira a um centro de compras. Para o Estágio Dois, da Aceleração Um do Ensino Fundamental — classe onde leciono à noite — a animação “Fuga do Moinho”, produzida por Willem Theysom, Chrisstine Thaarup e Karslen Kulerich que retrata a trajetória de um drogado. O enredo é triste, sério e comovente.

O primeiro passo do trabalho para as duas turmas, foi salientar a proposta do estudo — retirar do vídeo, em forma de prosa, os assuntos pertinentes às disciplinas estudadas em sala de aula (Português, Matemática, Geografia, História, Ciências, Ética e Literatura) — e exibir o filme. Nesse primeiro contato com o texto, não sei o que se passava na mente dos alunos, mas sei que os seus olhos não se desviaram da tela. Eu — era o meu segundo encontro com o texto — esforcei-me apenas para visualizar, sem arquitetar nenhuma pergunta, mesmo que mentalmente, por querer me manter no mesmo nível de desafio dos estudantes.

Só a partir da segunda visualização, à medida que a discussão fluía, surgiram as interrogações, deduções e conclusões. Com essa conversa, descontraída, mas séria, conseguimos nos referir a alguns pontos do conhecimento humano (mais ou menos sessenta com as crianças e trinta com os adultos).

Tanto no turno vespertino como no noturno, induzi os “meus colegas” de pesquisa a elaborar raciocínios sobre o que vimos no filme, por intermédio de perguntas (ver anexo 1).

No andamento do estudo, a fim de incentivar participação dos educandos, adotei algumas estratégias, como:

- Expliquei detalhadamente, a proposta do trabalho;
- Rebobinei a fita sempre que houve necessidade;
- Congelava imagem para melhor visualização da cena;
- Pausava a fita quando a discussão requeria mais tempo;
- Exigi que cada aluno produzisse seu próprio texto;
- Pedi, quando escrevia no quadro, ajuda da turma, na procura de sinônimos e na construção das sentenças;
- Recapitulei os conteúdos estudados, sempre que iniciávamos outra atividade;
- Solicitei pesquisa extraclasse quando o assunto me era desconhecido;
- Tive o cuidado de, no dia seguinte, dar a informação correta;
- Esforcei-me para relacionar a história que víamos com a história da nossa cidade ou da nossa realidade;
- Chamei a atenção da classe para alguns elementos lingüísticos, como formação de palavras, acentuação de vocábulos e uso de alguns sinais como a cedilha;
- Aceitava as sugestões do grupo, na troca de palavras, ou acréscimo de informes ao texto;
- Dividi a classe em grupos quando percebi que as informações eram muitas para serem captadas individualmente;
- Pedi que complementassem o escrito com os dados que esqueciam;
- Sorteiei alguns alunos para lerem os seus trabalhos;
- Refiz, com os alunos, no quadro os textos referentes a cada matéria;
- Sugeri que os trabalhos, individuais e coletivos fossem passados a limpo, no caderno de redação.

Na leitura criteriosa dos vídeos, percebi, juntamente com os alunos, algumas partes que integram as disciplinas que estudamos na escola:

Em Português:

- Numa conversa pode ou não haver comunicação;
- Nós podemos ser alfabetizados em alguma língua e analfabetos em outra;
- A fala dos moradores da cidade é diferente da dos moradores do campo;
- Uma história pode ser narrada oralmente ou por escrito;
- Na escrita, há os sinais de pontuação, indicando as falas das pessoas e os tipos de frases que enunciamos;
- Monólogo é a conversa de uma única personagem;
- Diálogo é a conversa entre dois personagens;
- Os personagens e os elementos que formam a história são substantivos;
- Um substantivo pode ser acompanhado por vários adjetivos. (qualidades);
- As personagens praticam ações (verbos);
- Usamos a carta para dar notícias a alguém;
- A feitura de uma carta requer a observação de algumas regras;
- Para que servem os parágrafos e as letras maiúsculas, na escrita;
- Muitos elementos da natureza ou da cultura humana adotam, no vídeo, uma simbologia própria para transmitir uma mensagem;
- A ortografia se preocupa com a escrita correta dos vocábulos;
- Para que servem as interjeições;
- A gíria também serve para comunicar;
- Podemos elaborar pensamentos a partir da junção de algumas palavras;
- Os sinônimos enriquecem nossos textos escritos;
- Podemos compreender a seqüência de um enredo mesmo que, no vídeo, não haja palavras.

Em Matemática:

- Toda mercadoria precisa se pagar;
- Uma cidade é construída com formas geométricas – quadrados, retângulos, triângulos...;
- O dinheiro serve para muitas coisas;

- Os calçados podem variar de tamanho;
- Existem medidas de comprimento, de massa e de capacidade;
- O que se mede com o metro, o quilo e o litro;
- A hora mede a passagem do tempo;
- A luz do sol e a sombra mudam de posição de acordo com o decorrer do tempo;
- As definições quantitativas de dia, semana, mês, século e milênio;
- As definições de unidade, dezena, dúzia, centena, milhar;
- A matemática é usada nos desenhos;
- A população da cidade é maior que a do campo;
- A quantidade de personagens das histórias;
- Usa-se matemática na produção de um desenho animado;
- A distância entre lugares é calculada em quilômetros;
- A distância entre o Sol e a Terra;
- A velocidade da luz e do sol;
- A velocidade do som;
- Quanto tempo a luz solar demora para chegar à Terra;
- Usa-se medidas na fabricação de brinquedos e nas construções;
- A utilidade do velocímetro, do termômetro e do decibel;
- Os carros de corrida podem ultrapassar o limite de velocidade;
- O dinheiro é usado na compra de drogas;
- Precisa-se de muito dinheiro para manter uma mansão;
- Há várias modalidades de dinheiro;
- O dinheiro pode ser guardado em vários lugares;
- A duração das estações do ano;
- O dinheiro, quando não bem administrado pode acabar;
- O tráfico de drogas produz lucro para algumas pessoas e causa prejuízo a outras;

Em Geografia:

- Como é a vida no campo;
- Como é a vida na cidade;
- Como as pessoas da cidade se vestem;
- Profissionais existentes na cidade;
- As mulheres hoje trabalham fora de casa;
- A roça e a cidade são mundos diferentes;
- O que é relevo;
- A vegetação e o clima de um lugar;
- Meios de transporte;
- Como é o revestimento do piso da cidade e do campo;
- Como são as estradas;
- Onde há plantação de maconha;
- Nos grandes centros há prédios altos;
- As casas deveriam ser construídas, aproveitando a luz do sol;

Em História

- As pessoas que moram na cidade contam com a presença de elementos que facilitam sua vida – shopping, hidrante, semáforo, escada rolante;
- Os cuidados que devemos ter em um ambiente diferente do nosso;
- As profissões exercidas pelas mulheres, hoje;
- A nossa vida se parece com a história vista no vídeo;
- Um viciado pode destruir sua família;
- Os drogados roubam para manter seu vício;
- A droga também já chegou ao campo;
- A vida de um drogado é muito triste;
- A vida da família de um viciado é muito sofrida;

- A história de um drogado é dividida em duas partes – antes e depois da droga;

Em Ética:

- Podemos pedir socorro, quando precisamos;
- Atendimento dos profissionais;
- Respeito aos costumes diferentes;
- Respeito às pessoas diferentes;
- Importância dos uniformes;
- Respeito aos lugares públicos;
- Cuidados com os lugares públicos;
- Comportamento das pessoas nos lugares públicos e com os conhecidos;
- Quando se deve julgar alguém;
- Lugares apropriados para se tirar a roupa;
- Cada pessoa é um indivíduo diferente;
- Uma família unida enfrenta melhor os problemas;
- Os pais devem apoiar o filho drogado;
- Uma fortuna mal administrada pode se acabar;
- Um viciado pode destruir sua família;
- Personalidade de um traficante de drogas;

Em Ciências:

- Uso da eletricidade;
- Aproveitamento da luz solar;
- Desperdício de energia elétrica;
- As vestimentas caipiras;
- As vestimentas citadinas;
- Utilidade do banho de sol;
- Câncer de pele;

- Local apropriado para se tomar banho;
- Cuidado com o lixo;
- Limpeza dos lugares públicos;
- Epilepsia não é contagiosa;
- Respeito ao corpo;
- A poluição da cidade;
- O ar puro do campo;
- Conseqüência da droga na saúde e no físico de alguém;
- A família de um viciado também adocece;
- As drogas injetáveis;
- As drogas que são cheiradas;
- As drogas que são fumadas;
- Como fica a “cabeça” de um viciado;
- A morte é o resultado de quem se droga;

Em Literatura:

- Cada personagem tem suas próprias características;
- Cada personagem transmite uma lição de vida;
- Todo videoespectador pode “conversar” com as personagens.

Findo o estudo dos vídeos, notei que, no trabalho com as crianças (participaram mais ou menos doze), por prepararmos o texto escrito, recorrendo à visualização simultânea das imagens, as idéias brotavam mais rapidamente. Com os adultos (mais ou menos oito) que viram a fita apenas três vezes e só no primeiro dia de estudo, as idéias demoravam um pouco a surgir e dependiam muito da evocação memorial.

Daí deduzo que quando trabalhamos com a imagem à vista, a produção é instantânea.

Também observei que o interesse dos estudantes não era o de meros espectadores. Havia o anseio da pergunta, da busca. Atrevo-me a interpretar os seus

momentos silenciosos como instantes de consulta mental. Muitos queriam entender a trama e dialogavam mentalmente com o filme. Desenvolveram sua imaginação e construíram uma interpretação, mesmo sem irem contra a mensagem apresentada, nem denunciarem, nem recusarem conteúdo.

Essa nossa interação com o vídeo me reportou para a fala de J. M. P Tornero:

“Ler criticamente não significa recusar ou denunciar a mensagem. Pode-se questioná-la, rejeitá-la, aceitá-la em parte ou na íntegra, aproveitá-la para reinterpretar a recreação, fazer o jogo criativo”. (s.d.s.p)

Nossa perspectiva, de acordo com Tornero, ler criticamente um vídeo implica realiza atividades como:

- Descobrir a finalidade do programa — captar e esclarecer a finalidade do vídeo, provocar idéias, convencer alguém, incentivar o consumo reconhecer-lhe a proposta, que ações recomenda, que relações estabelece com o receptor;
- Reconhecer níveis temáticos e narrativas — como se estrutura a mensagem, descobrir trama, argumento e temas decorrentes, papéis dos personagens, como trama e tema interagem e constituem a estrutura da mensagem;
- Perceber o nível formal — captar aspectos determinantes de ponto de vista e modificadores do sentido da trama.

Em se tratando, especificamente, de Língua portuguesa, qualquer material audiovisual é um texto e pode ser tratado como tal, uma vez que permite “leitura” e análise da linguagem utilizada.

Lucília Helena Garcez — professora da Universidade de Brasília — acentua que “o professor de Língua Portuguesa escolhe um vídeo para ilustrar, ampliar, aprofundar um tema de estudo, um objetivo específico de trabalho” (2001 s.p.).

Concordo com o pensamento da autora, mas lhe acrescento: iniciar e/ou embasar o estudo de determinado assunto.

Tomando por fundamento a minha pesquisa, afirmo que um professor ou professora têm variadas e flexíveis possibilidades de trabalho com um vídeo:

1. O texto pode servir para trazer informações acerca de um determinado assunto e o trabalho pedagógico se privilegia com as habilidades de ouvir, ver, compreender, relacionar, associar, selecionar dados, fazer anotações, memorizar, interpretar... Favorecendo uma melhor produção textual escrita;
2. O texto pode servir de base para a análise da linguagem que está sendo utilizada nele próprio, focalizando as estruturas da língua oral, gêneros orais, vocabulário, estilo, níveis de linguagem, dialetos e variações;

No referente à habilidade de ouvir / ver, é bom que o estudante saiba, antecipadamente, o objetivo da assistência ao vídeo. Objetivo que deve ser claro, facilitando o entendimento e a realização das futuras tarefas.

No referente à habilidade de falar, é importante que cada aluno sintá-se dono de suas voz, pois todos nós gostamos de falar sobre o que conhecemos ou sobre o que acabamos de ver. Esta é uma boa oportunidade para se treinar a conversação com suas devidas regras de polidez. Os debates e a troca de impressões enriquecem o conteúdo e a socialização do grupo.

No que se refere à habilidade de ler, é necessário lembrar que o que se exige na leitura de um texto escrito também é exigido na de um texto audiovisual. Os procedimentos cognitivos são semelhantes nos dois tipos de leitura, como:

- Seleção e hierarquização da informação — observação de título, identificação de fragmentos significativos;
- Clarificação e simplificação das idéias — construção de paráfrases, substituição de palavras desconhecidas por sinônimos, reconhecimento das relações gramaticais entre as palavras constitutivas dos períodos do texto;

- Reconhecimento de coerência — uso de conhecimentos prévios sobre o tema ou extratextuais, associação de informações trazidas pela imagem ou pela linguagem verbal.

No que se refere à habilidade de escrever, é preciso observar:

- A assistência a um vídeo é um momento de se desenvolver a capacidade de fazer anotações;
- A conversação sobre o que se vê pode nortear os trabalhos escritos;
- A transposição da oralidade para a escrita requer um cuidado específico com as estruturas lingüísticas e exige a presença ativa do docente.

Constatei, portanto, que o estudo com vídeo permite a realização de muitas atividades voltadas para a ampliação do universo lingüístico do aluno. Porém, levando em conta o caráter aberto do texto imagético, tenho consciência de que não explorei o suficiente. Muito ainda poderia ter sido analisado. Para uma nova tomada desses vídeos, basta uma nova disponibilidade, um novo olhar.

Também tenho consciência de que o discente é o ponto chave de todo e qualquer estudo, numa sala de aula. Sem aluno até pode existir a escola, mas não o estudo e menos ainda a construção de um conhecimento.

Em se tratando da análise de um vídeo, a presença e, sobretudo o envolvimento do educando, são indispensáveis.

Como tudo na vida pode apresentar vários pontos de vista, na sala de aula onde leciono, há os que gostam de trabalhar vídeo e os que detestam. Os poucos que não se interessam por esse tipo de texto, ficam em casa quando fazemos esse estudo. A maioria que se identifica com a telinha azul, engaja-se na leitura e realiza excelentes produções. (ver anexo 2)

Na atividade feita, exclusivamente para alicerce desta monografia, os alunos comprometidos com o estudo, saíram-se bem. Absorveram-se na imagem e na tarefa que nem se importavam com o toque da campainha indicando o final da aula. Faziam perguntas e comentários sobre a história, comparavam o filme com sua própria vida, sorriam com as cenas engraçadas e emocionavam-se com os

Acontecimentos sérios. Formaram sua opinião sobre as causas e conseqüências dos faros exibidos e sobre o vídeo como um todo, após as várias discussões realizadas. Orgulham-se de criar os seus textos e de expô-los para a classe. Não se esqueceram da história. Alguns levaram a fita para mostrar em casa. Mesmo depois do trabalho concluído, continuam falando dele.

Mas, para imortalizar essa boa aparência, além dos textos sobre as disciplinas curriculares, eles escreveram acerca do trabalho com vídeo, abordando três itens:

- Por que gostam ou não de vídeo;
- Qual a importância de se estudar um vídeo;
- Por que o vídeo é mais fácil de se trabalhar do que o livro.

Os alunos que leram os vídeos “Chico Bento no Shopping” e “Fuga do moinho”, com exceção de um, afirmaram gostar de assistir a vídeo, tanto em casa como na escola, justificando que é engraçado e animado. Disseram ser algo importante porque com esse material aprendem “muita coisa boa”.

Alguns escreveram que o vídeo faz as pessoas mudarem seu comportamento para melhor.

Salientaram a relevância de se estudar com vídeo dizendo que desenvolve mais o seu pensamento e que estudar um vídeo é mais alegre e divertido por causa do movimento e dos sons. Outros confessaram que as vezes, sentem alguma dificuldade para entender todos os segredos do vídeo, mas que depois de minhas explicações, tudo fica mais fácil, dependendo só da atenção e da vontade deles.

Falavam que é melhor estudar com vídeo porque a imagem fica na mente e mais tarde até conseguem se lembrar e falar sobre o que viram e aprenderam, deduziam que a leitura com o livro didático demora mais para ser gravado na mente.

A única pessoa, das que realizaram esse trabalho, a confessar que não gosta de vídeo, alegou ser o vídeo uma perda de tempo e não ter a cabeça para quebrar com isso.(ver anexo 3)

Estes comentários e os outros dos quais nem falei, encorajam-me a continuar elegendo a leitura vídeográfica, a aliada predileta na minha prática pedagógica.

CONCLUSÃO

O vídeo é um espelho
de múltiplas faces
olho-me nele
e me ilumino

Para o desempenho deste trabalho fui motivada por reconhecer o grande potencial do vídeo em sala de aula, conseqüentemente, na educação. Ao notar como esse meio de comunicação facilita a vida nos outros ambientes sociais. Pensava: por que não utilizá-lo também no ensino?

Quis, com esta pesquisa, mostrar que o vídeo é um riquíssimo material de estudo; evidenciar que o desejo de mudança pode romper barreiras e o que parecia difícil, com um pouco de boa vontade torna-se um aliado na prática pedagógica; comprovar que se pode conciliar paixão e profissionalismo, redirecionando o olhar e deixando-se envolver pela razão.

Há quem aposte na inadequação do vídeo à escola, alegando futilidade e alienação.

Neste trabalho, entretanto, juntei subsídios, por intermédio de poucas horas de filmagem, algumas das várias opções de abstração conseguidas a partir de um vídeo.

Com esta consulta analisei os resultados do uso do vídeo em sala de aula. Foram positivos. Depois da leitura criteriosa, por meio de muitas discussões, a clientela estudantil saiu-se bem em uma avaliação acerca do debatido; isto é, assimilou satisfatoriamente o conteúdo analisado e construiu, com clareza e coerência, seu texto argumentativo.

Por isso afirmo que o vídeo é um poderoso instrumento que pode oferecer aos profissionais da educação um vasto cabedal de pesquisas. Para se enriquecer com ele, basta acionar o cérebro, fixar o olhar e se adentrar em seus conhecimentos.

Tentei, com a leitura crítica do texto, videográfico, principalmente, despertar nos educandos sua capacidade criadora e sua liberdade porque parece que na sociedade hoje, há uma idéia de homogeneização até mesmo quando se criam possibilidades de diferenciação. Há uma massificação grosseira que dificulta o surgimento de sujeitos autônomos, ou seja, pessoas livres, tanto internamente como em suas decisões.

Quando eu exigia que os estudantes falassem sobre o vídeo e se esforçassem para redigir seus textos, tentava fazer deles cidadãos livres, capazes de “ler”, sozinhos, a imagem estampada a sua frente. Incentivei-os a ler o que está por trás da imagem, a

fim de saberem para que ela serve e para que não se submetam a uma “lavagem cerebral” televisiva. Chamei-lhes a atenção para que se tornem capazes de pensar com suas próprias cabeças e não com as opiniões que circundam ao seu redor.

E quando ouço Caetano Veloso:

Santa Clara

“Santa Clara, padroeira da televisão

Que o menino de olho esperto

saiba ver tudo

Entender certo o sinal certo

se perto do encoberto

Falar certo desse perto

e do distante porto aberto

mas calar

Saber lançar-se

num claro instante.

Santa Clara, padroeira da televisão

Que a televisão não seja o inferno,

inferno eterno,

Um ver no excesso o eterno

quase nada (quase nada)

Que a televisão

não seja sempre vista

Como a “montra” condenada

a “fenestra” sinistra

mas tomada pelo que ela é

de poesia”.

reforça-me ainda mais a certeza de que o vídeo – na escola é visto através da televisão – pode e deve evoluir sua categoria de uma simples máquina para a de um

utilíssimo instrumento na incrementação da pedagogia mutante professores e estudantes não são escravos do vídeo, não escravizam o vídeo, mas, além de possuírem uma mente aberta e um olhar perspicaz que captam a mensagem videográfica, têm um controle remoto na mão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, José Mendes de. O que é vídeo. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- ALMEIDA, Milton José de. Imagens e sons: A nova cultura oral. São Paulo: Cortez, 1994.
- BABIN, Pierre e KOPULOUMDDJIAN, Marie France. Os novos modos de compreender a geração do audiovisual e do computador. São Paulo: Paulinas, 1989.
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- BOGDAN, Roberto C. e BIKEN, Sari Knopp. Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria dos métodos. Portugal: Porto, 1991.
- BRASIL, MEC, Seed. Educação dos Olhos. Brasília, 1998.
- BRASIL, MEC, Seed. Trama do Olhar. Brasília, 1998.
- BRASIL, MEC, Seed. Mediamente. Televisão, Cultura e Educação. Brasília, 1999.
- BRASIL, MEC, Seed e UniRede TV na Escola e os desafios de Hoje. Brasília, 2001.
- FERRÉS, Joan. Vídeo e Educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- FREIRE, Paulo. Extensão ou Comunicação? 10ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à produção educativa. São Paulo: Paz e terra, 1996.
- FULGÊNCIO, Lúcia e LIBERATO Yara. Como Facilitar a leitura. São Paulo: Contexto, 1998.
- GOMES, Antenor Rita. Imagem, Verbo e Sentido. Fragmento de tese de Doutorado em Desenvolvimento na faculdade de Educação da UFBA sobre os processos de produção de sentido sócio-pedagógico do texto imagético verbal. 2004.
- GULLAR, Fereira. A imagem como expressão estética: Tecnologia e educação. Rio de Janeiro: UFRJ, s.d.
- MACEDO, Roberto Sidnei. Etnopesquisa Crítica e Multirreferencial nas Ciências Humanas e na Educação. Salvador. EDUFBA, 2000.

MACHADO, Arlindo. A arte do vídeo, 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

MORAN, José Manuel. Como ver televisão: Leitura Crítica dos meios de comunicação. São Paulo: Paulinas, 1991.

MORAN, José Manuel. Mudanças na comunicação pessoal. São Paulo: Paulinas, 1998.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis. RJ. Vozes, 1996, 3ª ed.

PAIVA, Valnice Sousa. A Produção de Vídeo: Uma contribuição para o educador na contemporaneidade. Salvador: UNEB, 2003

SANTORO, Luiz Fernando. A imagem nas mãos: O vídeo popular no Brasil. São Paulo: Summus, 1989.

SMITH, Frank. Compreendendo a leitura. 3ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

ANEXOS

O vídeo é poderoso
na reclusão do seu canto
faz um sujeito falar
o seu tanto

ANEXO 1

**PERGUNTAS QUE AUXILIARAM NA LEITURA
VIDEOGRÁFICA**

- Quais as personagens mais importantes?
- Como é a comunicação entre as personagens?
- Quais as cenas nas quais não houve comunicação entre as personagens?
- O que a personagem principal retira das árvores do lago, dos animais, do solo, da roça?
- Quais as cenas onde houve comunicação entre as personagens?
- Que diferenças há entre a vida do campo e a da cidade?
- Quais as matérias sobre as quais há conteúdos neste vídeo?
- Como é a fala das personagens?
- Quais as figuras e sólidos geométricos vistos no vídeo?
- Quais os elementos de Ciências e de Ética contidos no vídeo?
- Como os nossos costumes se relacionam com os das personagens?
- Em que podemos imitar o pessoal da roça?
- Em que língua somos alfabetizados e em qual somos analfabetos?
- O que é substantivo?
- Quais os substantivos existentes no vídeo?
- O que é adjetivo?
- Quais os adjetivos (qualidades) referentes aos substantivos do vídeo?
- Quais as ações (verbos) das personagens principais?
- Como as personagens do vídeo conversam?
- Quantos diálogos há na história?
- Como representamos, na escrita, os diálogos?
- Como devo escrever a fala das personagens, no quadro?
- Como se chamam estes sinais? (de pontuação)
- Que sinal de pontuação devo escrever no final de cada fala?
- Quantos tipos de frases encontramos no texto?
- Onde estes tipos de frases estão localizados no vídeo?
- Como se chama a conversa de uma personagem sozinha?

- Quais os monólogos do vídeo?
- Estão conferindo a escrita das palavras, pelo quadro?
- Onde estão os monólogos, no vídeo?
- Quais as mensagens que retiramos do vídeo?
- O que cada personagem ensina para nós?
- Quantas mensagens retiramos do vídeo?
- Quais as palavras pronunciadas de modo diferente do nosso, existentes no vídeo?
- Onde se localizam os prédios altos?
- Como se chama esse apagador de incêndios?
- Em que lugar esse objeto está colocado?
- Onde está o semáforo?
- Para que serve o semáforo?
- Quais as cores que têm nele?
- Onde se localiza o shopping?
- O que é mesmo o shopping?
- O que tem no shopping?
- Em Jacobina tem shopping?
- Como as casas poderiam ser construídas para economizar energia elétrica e aproveitar a luz do sol?
- Quando deveria ser usada a luz elétrica?
- Para que seria usada a luz elétrica?
- Que objetos precisam de energia elétrica, para funcionar?
- Como as pessoas da cidade se vestem?
- Por que o pessoal da roça usa chapéu?
- Por que eles usam botinas?
- Como é a roupa do personagem do campo?
- Qual a doença que o sol provoca?

- Qual o horário que podemos tomar sol?
- Quantas pessoas moram na cidade?
- Que devemos fazer quando estamos em um lugar estranho?
- Como é o piso da cidade?
- Como é o chão do campo?
- Que precisamos fazer quando estamos em perigo?
- Onde a gente deve jogar o lixo?
- Observaram esses pontos, em casa?
- Como as pessoas do campo falam?
- Como as pessoas da cidade falam?
- Como o vendedor atende o personagem?
- Que devemos fazer com os produtos que compramos?
- Como o vendedor e o vigilante se vestem?
- O que cada personagem veste?
- Para que serve o uniforme das pessoas?
- Em que as mulheres trabalham hoje?
- O que Chico fez quando viu a fonte?
- Ele poderia fazer xixi, ali?
- Como devem ser mantidos os lugares públicos?
- O que devemos fazer quando vemos alguém diferente de nós?
- Por que a mulher desmaiou?
- Onde podemos tirar a roupa?
- Para quem podemos tirar a roupa?
- Como é a paisagem do campo?
- Como é o céu de São Paulo?
- Falamos da Poluição?
- Quantas palavras diferentes ditas por Chico, vocês conseguiram?
- Quais as partes de uma carta?

- Quando devemos usar parágrafo, em uma carta?
- Quem quer ler a carta para a sala ouvir?
- Como deve ser escrita (de acordo com o dicionário) cada palavra dita de modo diferente, pelo Chico Bento?
- O que é gíria?
- O que é ortografia?
- Onde há matemática neste vídeo?
- Por que na loja de calçados tem Matemática?
- Quanto custa aquele sapato que o vendedor ofereceu?
- Qual o número daquele sapato?
- Qual o calçado mais caro: o sapato ou a botina?
- Onde existe matemática na roupa?
- O metro tem quantos centímetros e quantos milímetros?
- Quem usa mais tecido a roupa do vendedor ou a de Chico?
- Qual a roupa mais cara?
- Quais as medidas que tem naquele vídeo?
- O que é o metro?
- Com o metro se mede o quê?
- A escada tem a ver com metro?
- Quem mora mais perto do shopping?
- Quem era mais pisado, naquele vídeo?
- Quantos quilos pesa aquele rapaz que atropela Chico, na escada.
- O que usamos para medir o peso?
- Quantos quilos pesa Chico Bento?
- E o vendedor?
- Que medida usamos para medir a água?
- A que compramos o leite?
- Quantos litros de água têm naquela fonte?

- Quantos litros de água cabem naquele lago da roça?
- Onde tem mais água, na fonte ou no lago?
- Aquela história aconteceu de manhã, de tarde ou à noite?
- Para onde vai a sombra, de manhã e de tarde?
- Manhã, tarde e noite são partes de Matemática?
- Está se calculando o que?
- O tempo mede o que?
- O dia tem quantas horas?
- Uma hora tem quantos minutos?
- E o minuto?
- O conjunto de sete dias forma o quê?
- E o conjunto de 30 dias?
- E o conjunto de 12 meses?
- E o que é semestre?
- E um trimestre?
- Como se chamam 100 anos?
- Como eu escrevo o mil, em número?
- E o cem?
- O tamanho do lugar é Matemática?
- Onde tem mais quantidade?
- Quantos peixes tem no lago?
- E na fonte?
- Quantas pessoas tem na roça?
- E na cidade?
- Um objeto, em quantidade, é o quê?
- O que formam 12 unidades?
- Uma dúzia são quantas unidades?
- E uma centena, são quantas unidades?

- E um milhar?
- E se a gente pegar só meia dezena
- E meia dúzia são quanto?
- E se eu pegar meia centena, quantas unidades eu tenho?
- E se eu pegar meio milhar?
- Meio milhar são quantas unidades?
- Quais são mesmo as figuras e os sólidos geométricos que têm no vídeo?
- O que o vídeo mostra sobre Matemática?
- Por que para se fazer desenho se precisa de Matemática?
- Qual a quantidade de personagens da história?
- O que o sol tem a ver com matemática?
- Qual a distância do Sol à Terra? (para pesquisar)
- Qual a velocidade da luz do Sol? (para pesquisar)
- Qual a velocidade do som?
- Quanto demora a luz do Sol para chegar à Terra? (para pesquisar)
- Que são decibéis?
- O que os brinquedos têm a ver com Matemática?
- O que os meios de transporte mexem com Matemática?
- Qual o meio de transporte mais veloz que a bicicleta?
- O que os meios de transporte têm para medir a velocidade e a quilometragem?
- Por que há um limite de velocidade permitido aos motoristas?
- Qual a velocidade permitida no asfalto?
- E nas ruas?
- Qual o tipo de carro que pode ultrapassar o limite de velocidade?
- Onde o dinheiro é usado pelas personagens do filme?
- Onde se guarda dinheiro?
- Quais os tipos de dinheiro que conhecemos?

- Em que época do ano aconteceu a história?
- O que as estações do ano tem a ver com Matemática?
- Por que a passagem do tempo é Matemática?
- Quanto demora cada estação?
- Qual o aparelho que mede a temperatura?
- Quanto dinheiro é preciso para se manter esta casa do filme?
- Por que o dinheiro das personagens se acabou?
- A idade das personagens faz parte de Matemática?
- O que estudamos em História?
- Quais os fatos interessantes na vida da personagem principal?
- Como é a vida do garoto antes das drogas?
- Como é a vida do garoto depois das drogas?
- O que estudamos em Ciências?
- O que este vídeo tem a ver com Ciências?
- Como é a saúde do garoto?
- Qual a consequência da droga na vida de alguém?
- Qual o nome dessa droga injetável?
- Qual a droga que é fumada?
- Qual a droga que é cheirada?
- O que aconteceu com o garoto, por causa das drogas?
- O que representa o moinho na vida da personagem?
- Por que roubar, no vídeo, é um fato histórico?
- Alguém pesquisou a distância entre o Sol e a Terra?
- A velocidade da luz?
- A velocidade do som?
- O que estudamos em Geografia?
- Como é o lugar onde aconteceu a história?
- O que é relevo?

- Como é o relevo do lugar da história?
- Como era a estrada do lugar?
- Como é a vegetação?
- Que são arbustos?
- Como é o terreno de Jacobina, em relação ao do vídeo?
- Em relação ao tempo, como é a época em que acontece a história?
- O que é clima?
- Então, como é o clima do lugar onde acontece a história?
- Onde se localiza a casa da história?
- Onde é plantada a maconha?
- Onde é consumida a maconha?
- Qual o meio de transporte usado no vídeo?
- Que tipos de profissão há no vídeo?
- Quem lucra com o tráfico de drogas?
- Quem tem prejuízo com o tráfico de drogas?
- O que estudamos em Ética?
- Quais as atitudes corretas das personagens da história?
- Que atitudes erradas as personagens da história praticaram?
- Por que a família do vídeo é unida?
- Como os pais do menino se comportam?
- Qual o comportamento negativo das personagens?
- O que estudamos em Literatura?
- Quantas personagens há na história?
- O que e quem pode ser personagem em uma história?
- O que aprendemos com cada personagem?
- O que podemos analisar no vídeo sobre comunicação?
- Quais os elementos do vídeo que servem como comunicação?
- O que representa cada símbolo do vídeo?

- Para esta história o que representa o Sol?
- E as taças?
- O moinho?
- A caminhada dos cigarros?
- A seringa?
- A nuvem branca e a cápsula envolvendo o menino?
- A queda da casa?
- A bandeirinha branca na chaminé?
- O andar em cima da bola?
- O pano preto?
- A nuvem preta?
- A escola andando?
- A ave sendo atingida pelo estilingue?
- Este vídeo parece com a história real?
- Em que?
- Por que o vídeo não precisa de palavras para ser entendido?
- Como podemos contar esta história?

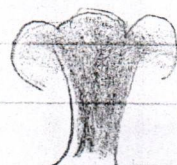
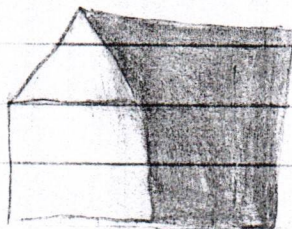
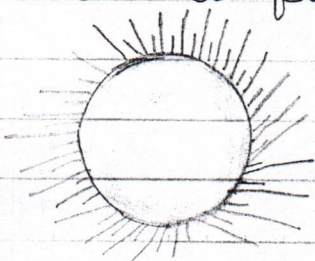
ANEXO 2

PRODUÇÕES VIDEOGRÁFICAS DOS ALUNOS

grupo Escalar Emilia Brandão
Rodrigo da Silva Franca.
13.05.05

Chico Bento no Shopping CIÊNCIAS

com o filme Chico Bento no Shopping em ciências
nós aprendemos que as pessoas da cidade não
sabem aproveitar bem a luz do sol na cons-
trução de suas casas que na cidade tem muito
mais marmente de auto mais e de gente
poluindo o ar que a energia elétrica é usada
para muitas coisas na cidade como fazer o
resfriado e a estrada ralante funcionar e na
iluminação das lojas aprendemos também
que a natureza na campo é mais ventilado
que na cidade na roça não tem poluição as
pessoas que moram na roça devem usar
chapéu para se proteger do sol e usar roupa
mais farta e quente por causa das pedras
e das espinhas eu aprendi que as casas
da roça são mais do que as da cidade como
a água e as frutas das arvores pelo que
vivemos na história a vida na roça é
melhor do que na cidade e mais tranquila



grupo 04
13.05.05
Blings

grupo escolar. Emilia Brondino

Andreza Araujo de Oliveira

17.09.04

Chico Bento no Shopping

Comunicação

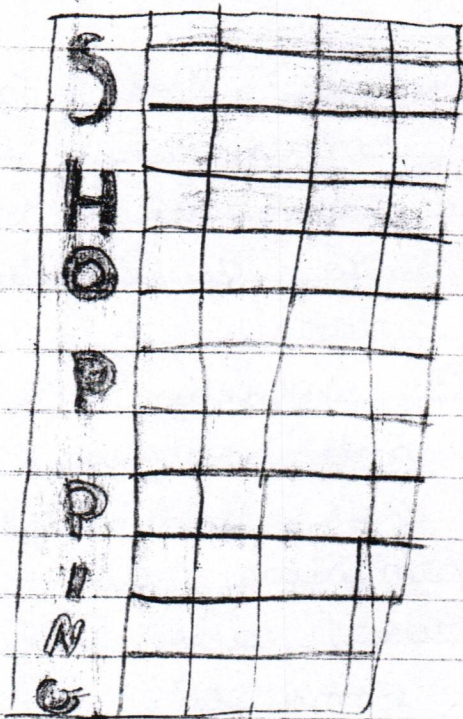
na história "Chico Bento no Shopping" não houve comunicação entre as personagens porque os seus mundos são diferentes. Chico Bento desconhecia as palavras Shopping e sapato e também não conhecia alguns objetos. Ele pensava que a escada rolante estava ruína e não sabia para que ela servia.

Ele pensava que a cidade era do jeito da roça dele, pegar as coisas sem pagar como faz com o peixe do lago e os frutos das árvores. Ele pensou que a fonte era para tomar banho. No entanto a fonte serve para enfeitá-la.

Chico Bento não entendeu que o segurança estava atrás dele e que ele mesmo estava perdido pela cidade como se fosse o prêmio que estava perdido e precisando de proteção.

Mas não na história houve comunicação entre o casal de namorados quando o auto-falante chama o segurança e entre Chico Bento e o seu amigo da roça. Com o filme eu aprendi que os

1 / 1
pessoas da roça falam diferente das
pessoas da cidade tambem aprende que
somos alfabetizados em portugues e
onalfabetos em ingles



Quarta 07.04
17. Bluz

grupo escolar Família Brandão
Yohana Maria de Jesus

Fuga do Moinho GEOGRAFIA

A história "Fuga do moinho"

acontece num lugar de planalto, com algumas serras, mas também algumas planícies. A casa e a escola da personagem principal ficam numa planície

A estrada que vai da casa até a escola é de chão batido. A terra é vermelha.

O chão é coberto de grama.

Ao redor da casa há muitos pinheiros na beira da estrada há muitos arbustos.

A região é fria, porque em uma época, nós vemos neve

A história acontece na zona rural, pois vemos muita vegetação e só uma casa

Não vemos a plantação de maconha, mas vemos ela sendo consumida aqui deduzimos que a droga já está sendo consumida pelos moradores do campo

Nessa história quem lida com a droga é o traficante, quem tem prejuízo é a família do viciado.

Juni 05 04
25. Blm

Grupo Escolar Emilia Brandão
Marinalva Pereira da Cruz
25.05.04

Tuga do moinho
Literatura

Juni
Blinio 05.04
25.

Na história "Tuga do moinho" existem quatro personagens. O pai, a mãe, o garoto e o traficante.

O garoto é a personagem principal. Fisicamente é magro, branco e alto. Moralmente é muito fraco pois se deixou envolver pelos traficantes. Ele se torna um derrotado porque não tem coragem de reagir ao vício. O pai e a mãe do garoto são bem comportados, compreensivos, preocupados, amorosos e pacientes com o filho. Em nenhum momento eles desprezaram o filho.

O traficante é criminoso, cruel, covarde, irresponsável e sedutor. Ele levou o menino à morte.

Com o garoto aprendi a resistir às tentações que me prejudicam, devo valorizar, respeitar, economizar e preservar os bens da minha família.

Com os pais do garoto aprendi que devo cultivar a paciência, o apoio, a compreensão e o respeito a quem precisa de ajuda. Não devo desprezar os familiares em tempo algum.

Com o traficante aprendi que não devo escolher o caminho da maldade porque isso não me deixaria sossegada.

Fuga do mainho Matemática

27 05 04

no (Vídio) Video "Fuga do mainho"
Percebemos alguns elementos matemáticos como a distância entre o Sol e a Terra é de 144.000.000 de quilômetros a divisão do ano em 4 estações, cada estação dura 3 meses, o termômetro mede a temperatura do corpo e do ambiente, o velocímetro mede a velocidade de um (automóvel) automóvel e o dígitel mede o som, o dinheiro pode se apresentar em moedas, cédulas, Cheques e cartões, o drogado precisa de muito dinheiro para manter seu vício o dinheiro pode ser guardado em cofres e nos bancos.

Fuga do mainho História

Analisando historicamente, (observando) observamos que a vida do garoto (divider) divide-se em duas partes uma boa, antes das drogas e uma ruim, quando se vicia. no início sua vida era especial. alegria amizade, brincadeira, estudo e saúde quando se drogou perdeu a alegria, a saúde, o controle mental, destruiu o sossego e os bens da família seu vício levou todos a morte.

Ana Paula
Junior
Blindy

27.05.04

ANEXO 3

A VOZ DOS ALUNOS

Grupo Escolar Emília Brandão
maria da P3 Pereira dos Santos Ribeiro
29.07.04

Trabalhando vídeo COMENTÁRIO

Quando eu assisto ao vídeo me sinto alguém que é muito importante, pois eu aprendo a prestar atenção a falar com as pessoas e também me comportar na sala. Eu aprendo a ser boa, a ajudar as pessoas.

O vídeo é engraçado com ele fico dando risada no silêncio. me sinto alegre quando a professora traz o vídeo para a sala. me sinto curiosa para saber o que vai passar no filme.

Quando estou assistindo o vídeo sinto dificuldade de entender o que as personagens estão falando. Então eu pergunto à professora e ela me ajuda a entender explicando.

Na história "chico Bento no shopping", o que me chamou a atenção é que nós vivemos do trabalho das pessoas da roça. mas algumas pessoas da

cidade, querem ser melhores do que as
da roça. As pessoas da
roça são menos valorizadas do que
as que moram na cidade.

Eu acho que estudar pelo vídeo é
mais explicado porque a gente vê os
movimentos. É mais difícil ler e estudar
pelos livros.

Juni
Blm
23.07.04

Grupo Escola Emilia Brandão
29.07.04

Ulma Alves Souza Dos Santos

Falando de video COMENTÁRIO

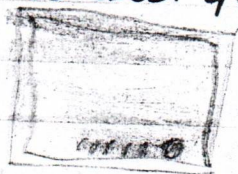
Quando eu arriste a um video eu gosto de trabalhar com ele porque fica mais divertido e a gente aprende mais como são as pessoas e as coisas que são importantes para as crianças e para os adultos. O video fala como são os animais e a cidade.

Quando pro Raimunda traz o video para a gente estudar eu sinto que vamos aprender sobre o que vamos arristir e ficamos mais estudiosos e mais inteligentes para quando a gente exercer ter um bom trabalho.

Quando estou trabalhando em algumas palavras e o que elas significam.

Nos dias em que eu arristi o video Chico Bento foi chamado para comprar um sapato e era igual a roça.

Eu acho melhor trabalhar com video do que com livro porque é mais engraçado e divertido e a gente pode até lembrar a historia e contar para outras pessoas.



Ulma
Alves
29.07.04

Grupo Escolar, Bemelia, Bravlas,
Elson Ferreira da Silva
29/07/04

Falando de Vídeos COMENTÁRIO

Com cara eu gosto da as-
sistir a vídeos porque eles
falam muitas coisas importantes
do mundo.

Na sala de aula eu gosto
de trabalhar com o texto do
vídeo porque com ele aprendo
coisas boas.

Quando com um vídeo pequeno
nas consequências aprender dependendo
da nossa atenção e da nossa vontade.

No trabalho do vídeo surge do
maior o que me chamou.
a atenção foi aquele menino
que foi iludido por outra pessoa
e aprendeu fazer macarrão e ficou
muito feliz.

Na sala de aula é mais
fácil trabalhar com vídeo do
que com livro porque nas vezes
a imagem e ela fica na nossa
mente.

Quero
Bless
29.07.04

Grupo Escolar Gonilha

29.07.04

Brandão

Luiz de Alinda Sampaio da Silva

Falando do/ de video

COMENTÁRIO

Assistir video é
uma perda de tempo porque não
tenho tempo para assistir se eu
for assistir o video não faço nada
mas gosto porque não tenho
maneira de preparar um texto
Com o video não consigo não
e tenho cabeça para trabalhar com
video porque já tenho outras
coisas para me preocupar
mas no filme (ty) fugiu do mundo
o que mais me chamou a atenção
foi o menino "Sicar" por causa
das drogas ele só tem cabeça e
olho

Estudar com video dar muita
dor de cabeça, não é fácil. E
muito complicado tem que ter
muita atenção senão não
consigo nada

Diana
29.07.04

Blina

29 07 04

Escola Emilia Brandão
Raulinda da Silva Cruz
Falando em vídeo

COMENTÁRIO

Eu gosto de assistir a vídeos
para ficar sabendo das coisas
e fazer coisas gostosas.

Na sala de aula o vídeo
é importante porque desenvolve
muito o pensamento da gente.

mesmo com um vídeo pequeno
a gente aprende muitas coisas
e só prestar atenção.

O que me chamou a atenção
no vídeo Fuga do menino
foi a menina que se acatou por
causa do vício da droga.

Estudar com vídeo é mais
fácil do que com livro porque fica
na nossa mente a lembrança
da imagem.

Juri
Blumig
29.07.04

EMILIA BRADÃO

03 08 04

Marcos Lauan Barbosa da Silva conto

Trabalhando vídeo COMENTÁRIO

Quando eu assisto um vídeo eu gosto muito porque é muito bom e porque eu aprendo muitas coisas importantes porque o vídeo ensina muitas coisas que não sabemos.

É bom assim assistir vídeo porque me diverte, porque é engraçado.

Quando a professora usa um vídeo para, isto, trabalhar na sala de aula nós fazemos muitas redações falando como se comunicava cada um dos personagens e como é a história, vida deles a higiene, a saúde e a história.

Quando eu estou trabalhando vídeo, às vezes eu sinto dificuldade de fazer a redação e explicar a história, mas quando a professora explica eu consigo fazer.

Nos dias que nós trabalhamos a vídeo Chico Bento no shopping, achei muito interessante quando Chico Bento pe, pulou na ponte, pensando que era um lago com muitos peixes.

Eu acho melhor trabalhar com vídeo porque nós lembramos das coisas para fazer os deveres e explicar para outras pessoas que não assistiram a vídeo e guardar na mente de cada um de nós.



Quem
Bem
03, 08 04